

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Antropologia e Arqueologia
Curso de Bacharelado em Antropologia
Linha de formação em Antropologia Social e Cultural



Trabalho de Conclusão de Curso

AS PESSOAS, OS CORPOS E OS PERCURSOS

uma etnografia sobre população em situação de rua a partir do projeto “Morada sob as Estrelas”

Estefani Bilhalva Leitzke

Pelotas, 2018

Estefani Bilhalva Leitzke

AS PESSOAS, OS CORPOS E OS PERCURSOS

uma etnografia sobre população em situação de rua a partir do projeto “Morada sob as Estrelas”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia com linha de formação em Antropologia Social e Cultural.

Orientadora: Dra. Claudia Turra Magni

Pelotas, 2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

L533p Leitzke, Estefani Bilhalva

As pessoas, os corpos e os percursos: uma etnografia sobre população em situação de rua a partir do projeto “morada sob as estrelas” / Estefani Bilhalva Leitzke ; Claudia Turra Magni, orientadora. — Pelotas, 2018.

72 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia – Antropologia Social e Cultural ou Arqueologia) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Antropologia Urbana. 2. Cidade 3. População em situação de rua. 4. Percurso. I. Magni, Claudia Turra, orient. II. Título.

CDD : 306

Estefani Bilhalva Leitzke

AS PESSOAS, OS CORPOS E OS PERCURSOS: uma etnografia sobre população em situação de rua a partir do projeto “Morada sob as Estrelas”

Banca examinadora:

Profa. Dra. Claudia Turra Magni (Orientadora)

Doutora em Antropologia Social e Etnologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales.

Profa. Dra. Flavia Maria Silva Rieth

Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Tiago Lemões da Silva

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agradecimentos

Agradeço a vida e a todas pessoas que trilharam e trilham o percurso junto a mim. Estaremos para sempre juntos, de uma forma ou outra.

*“Como é estranha a natureza morta dos que não tem
dor
Como é estéril a certeza de quem se vive sem amor”
Completamente Blue - Cazuzá*

Resumo

LEITZKE, Estefani Bilhalva. **AS PESSOAS, OS CORPOS E OS PERCURSOS: uma etnografia sobre população em situação de rua a partir do projeto “Morada sob as Estrelas”**. 2018. 72f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia Social com linha de formação em Antropologia Social e Cultural) – Departamento de Antropologia e Arqueologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Esta pesquisa etnográfica realizada entre 2016 e 2017 no centro urbano de Pelotas - RS, assim como no Centro POP - Centro de Referência Especializado em População em Situação de Rua, em primeiro momento feita a partir do projeto de extensão “Morada sob as Estrelas” e após como Trabalho de Conclusão de Curso, propõe uma reflexão sobre os meios de sobrevivência, circulação e percepção sobre os corpos da população em situação de rua da cidade. Discuti teoricamente sobre a caça aos meios de sobrevivência na cidade, assim como os percursos realizados por essas pessoas e a sua relação corporal consigo mesmos e com os outros. No trabalho de campo, procurei salientar a importância de um fazer etnográfico sem pré-julgamentos como fator fundamental de aproximação com este segmento da sociedade, atentando não só ao que era verbalizado mas também aos seus não ditos. Por fim, destaquei a relevância da restituição da pesquisa e realização de atividades junto às pessoas que a compunha, a exemplo de duas oficinas ocorridas para finalização do projeto “Morada”: oficina de kokedamas e oficina de mandalas de lã.

Palavras-chave: antropologia-urbana; cidade; população-em-situação-de-rua; percursos.

Abstract

LEITZKE, Estefani Bilhalva. **THE PEOPLE, THE BODIES, AND THE ROUTES: an ethnography about homeless people from the “Morada sob as Estrelas” project.** 2018. 72f. Conclusion Work. (Bacharelado em Antropologia Social with line of formation in Antropologia Social e Cultural) – Departamento de Antropologia e Arqueologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

This ethnographic research carried out between 2016 and 2017 in the urban center of Pelotas - RS, as well as in the Centro POP - Specialized Reference Center for Homeless People, firstly accomplished from the extension project "Morada sob as Estrelas" and after as final paper, proposes a reflection on the means of survival, circulation and perception about the bodies of homeless people. I argued theoretically about the hunting for means of survival in the city, as well as the routes made by these people and their bodily relationship with themselves and others. In the fieldwork, I tried to emphasize the importance of ethnographic work without any prejudgments as a fundamental factor of approach with this segment of society, paying attention not only to what was verbalized but also to what was unsaid. Finally, I highlighted the relevance of the research's restitution and the realization of activities with the people who were involved in said research, like two workshops that took place in order to finish the "Morada" project: kokedamas and woolen mandalas workshops.

Keywords: urban-anthropology; city; homeless-people; routes.

Sumário

Introdução	8
CAPÍTULO 1	10
1. O DESPERTAR DO TEMA DE PESQUISA.....	10
1.1 “MORADA SOB AS ESTRELAS”: A ENTRADA EM CAMPO	12
1.2 REVISÃO DA LITERATURA, ADAPTAÇÃO DO TEMA E POSICIONAMENTO ÉTICO PERANTE A PESQUISA.....	15
1.3 MÉTODO ETNOGRÁFICO E CARTOGRAFIA-RIZOMA.....	19
CAPÍTULO 2	25
2. OS NÔMADES URBANOS - VIVENDO NA CIDADE, CIRCULANDO NOS LUGARES E PERCEBENDO O CORPO	25
2.1 O PARQUE DOM ANTÔNIO ZATTERA: O ESCRITÓRIO DO BOSQUE	27
2.2 O CENTRO POP	33
2.3 A FESTA DE NATAL NO CENTRO POP	34
2.4 ALGUMAS DAS ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA NO MEIO URBANO.....	37
2.5 AS PERCEPÇÕES CORPORAIS E INTERNAÇÕES DOS HABITANTES DA RUA... 40	
CAPÍTULO 3	49
3.0 AS OFICINAS ENQUANTO RESTITUIÇÃO DA PESQUISA.....	49
3.1 OFICINA DE KOKEDAMAS	50
3.2 OFICINA MANDALAS DE LÃ.....	57
3.3 DAS DIVERSAS FORMAS DE RESTITUIÇÃO DA PESQUISA ETNOGRÁFICA.....	59
3.4 SOBRE AS DIFICULDADES EM CAMPO	61
3.5 OS NÃO DITOS NA PESQUISA	65
Considerações Finais	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68

Introdução

Esta pesquisa com pessoas em situação de rua na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, parte de um projeto de extensão coletivo chamado “Morada sob as Estrelas”¹, através do qual, buscamos identificar a importância dos objetos afetivos que elas carregam consigo.

Esta primeira aproximação em campo, trouxe à tona aspectos relativos à sua sobrevivência e aos percursos traçados em seu cotidiano - ponto de partida deste Trabalho de Conclusão de Curso em Antropologia. Nele, busquei acompanhar os percursos de algumas dessas pessoas, atentando para seus corpos, intonações, percepções e dinâmicas no meio urbano.

Considero que a escuta atenta, a troca intersubjetiva e a escolha em valorizar mais o que nos une do que aquilo que nos afasta foram elementos fundamentais para a elaboração desta etnografia.

Meu interesse pelo tema “população em situação de rua”, assim como o detalhamento do referido projeto de extensão, é tema do primeiro capítulo deste TCC. Nele, também dialogo com a literatura sobre este sujeito e indico as bases teórico-metodológicas deste estudo. Apresento ainda meu posicionamento ético perante a pesquisa e as pessoas que conheci. Concluo discutindo a opção por realizar uma etnografia associada à cartografia-poética.

No capítulo dois, me ateno a dois locais privilegiados para o trabalho de campo - o parque Dom Antônio Zattera e o CENTRO POP (Centro de Referência Especializado em População em Situação de Rua) - buscando evidenciar como os “nômades urbanos” se articulam neste meio. Também abordo algumas de suas estratégias de sobrevivência, percepções corporais e perspectivas sobre instituições a que foram submetidos para internação com fins desintoxicação.

A restituição da pesquisa, no próprio curso de desenvolvimento da etnografia é tema do capítulo três, no qual me ateno a duas oficinas de encerramento do Projeto “Morada”: a oficina de kokedamas e a de mandalas. Com base nos princípios da Antropologia compartilhada, saliento a importância de se fazer “com” o outro, não

¹ <https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/files/2016/12/CULTURA-2016-.pdf>. Ver página 141: “Morada: quando a rua se torna casa etnografia e musealização de objetos pertencentes a pessoas em situação de rua”.

somente “para” o outro. Adiante, discuto sobre outras formas de restituição demandadas pelos interlocutores e também sobre as dificuldades vivenciadas em campo. Por fim, apresento o que não era dito pelos interlocutores de maneira verbal ou explícita, considerando essas dimensões do silêncio e do não-dito como categorias de análise.

Por fim, encerro o trabalho ressaltando a potência do encontro etnográfico com pessoas em situação de rua.

CAPÍTULO 1

1. O DESPERTAR DO TEMA DE PESQUISA

“Aprendo com abelhas do que com aeroplanos.

É um olhar para baixo que eu nasci tendo.

É um olhar para o ser menor, para o insignificante que eu me criei tendo.

O ser que na sociedade é chutado como uma barata - cresce de importância para o meu olho.

Ainda não entendi por que herdei esse olhar para baixo.

Sempre imagino que venha de ancestralidades machucadas.

Fui criado no mato e aprendi a gostar das coisinhas do chão -

Antes que das coisas celestiais.

Pessoas pertencidas de abandono me comovem: tanto quanto as soberbas coisas ínfimas.

Manoel de Barros - Aprendo com abelhas do que com aeroplanos.

In: Retrato do artista quando coisa (1998).

Lembro-me, quando criança, de ver meninos deitados nas calçadas do centro de Pelotas. Eles dormiam sob papelão, ao lado de garrafas PET ou latas de tinta que continham uma espécie de líquido espesso amarelado. Alguns as cheiravam. Eu não entendia porque as pessoas aceleravam o passo ou mudavam de calçada quando os viam. Nem por que outros caminhavam como se estes fossem invisíveis. Os meninos que vi na rua de minha infância ressurgem agora, na minha vida adulta, não só nas calçadas, mas também nas praças. Hoje, eles também estão adultos. Alguns padeceram. Outros tomaram rumos incertos, sem deixar rastros.

É pensando nisso que me interessam aquelas pessoas que, como colocado por Manoel de Barros (1988), são chutadas como baratas pela sociedade hegemônica. Os que precisam ser exortados das praças, tratados por alguns como

dejeito, os sujos e degradados, os viciados e os “vagabundos” (iluminados²), aqueles que subvertem o modelo de vida da modernidade e instituído pela sociedade ocidental, estes são os que crescem para o meu olho: as “pessoas em situação de rua” - designação atualmente conferida àqueles que não possuem moradia/domicílio fixo e habitam logradouros da cidade, como praças e ruas, além de estruturas sociais dedicadas ao seu acolhimento temporário. Apesar da evidente diferenciação de nossas condições de existência em meio ao sistema social, econômico e político em que estamos inseridos, nossa condição humana é a mesma. Como aponta Tim Ingold (2016), onde quer que estejam, comenta ele, os humanos estão humanando.

Essas indagações (e outras) me levaram até o Bacharelado em Antropologia Social e Cultural, onde comecei uma busca interminável (ainda bem) à caminho de “mim” e do “outro” – duas das infinitas faces do que é, literalmente, ser-um-humano. Dentre minhas inquietações estavam: quem é aquele/a que eu chamo de outro/a? Existe o/a outro/a, se eu e o mundo estamos sob a mesma condição humana, que envolve sentir e pensar? Essa é a minha maior indagação enquanto pessoa, ser vivente nesse espaço de tempo em que estou³ situada. Encanta-me o fato de que todas as pessoas pensem e sintam (sejam “sentipensantes”⁴ nos termos de Eduardo Galeano), não necessariamente sobre as mesmas coisas e também não da mesma maneira, mas todas o fazem. A percepção sobre essa condição também difere. Este é mais um encantamento: como o outro se percebe e como percebe o mundo ao seu redor. Todos nós estamos sujeitos a dores, alegrias, amores, desamores, tristezas, desafios...mas a forma como eu enfrento cada uma dessas situações se distingue da maneira como um outro alguém irá enfrentar. Para mim, isso confere uma das coisas mais extraordinárias da condição humana. Em parte, cada ser humano lida com isso, consciente e inconscientemente, imerso em algo maior: a sociedade, a estrutura, a cultura, as instituições.

Penso que um olhar apressado sobre as coisas é perigoso. Torna-se fácil equivocar-se, julgar, avaliar, e pressupor, de acordo com as próprias ideias, tão embotadas de si que acabam não dando conta de perceber a alteridade. É nesse sentido que esse Trabalho de Conclusão de Curso almeja ser uma porta aberta às

² Jack Kerouac (2009), em *Os vagabundos iluminados*.

³ “Quando eu já não estiver, o vento estará, continuará estando.” Eduardo Galeano - *O livro dos abraços* (2002)

⁴ “Me gusta la gente sentipensante, que no separa la razón del corazón. Que siente y piensa a la vez. Sin divorciar la cabeza del cuerpo, ni la emoción de la razón.” Eduardo Galeano (2002), em entrevista, e também em “*O livro dos abraços*”.

pessoas que estão predispostas e disponíveis a ler, ouvir e sentir de outra forma, e também a agregar as descobertas feitas aqui a algo já existente em si.

O universo de minha pesquisa situa-se no centro urbano da cidade de Pelotas, localizada no sul do Rio Grande do Sul, o que nos remete para o campo de estudos em Antropologia Urbana como fundamento para pensar a cidade a partir de sua organização e constituição. Procuo dialogar com a etnografia realizada por Tiago Lemões (2012), em trabalho sobre vínculos afetivos e relação de parentesco da população em situação de rua na cidade de Pelotas, e com a etnografia, realizada em Porto Alegre na década de 90 por Claudia Turra Magni (2002), que orientou aquela, assim como a presente pesquisa. Ambos servem-se dos fundamentos do Tratado de Nomadologia, de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) para analisar o contexto de vida da população em situação de rua em um meio sedentário – o que remete às concepções de rizoma e cartografia, como tratarei adiante.

Minha pretensão com este trabalho é levar a cada um que acessá-lo uma reflexão existencial e com isso, ampliar a discussão sobre - e, sobretudo, “com” - a população em situação de rua. Não é meu propósito refletir sobre o motivo de determinadas pessoas estarem nesta situação ou discutir sobre o âmbito de Direitos – ou melhor, a negação de Direitos a essa população. Espero, isso sim, evidenciar uma fenda no espaço-tempo contando experiências etnográficas humanas de “corpos urbanos errantes” (FRANGELLA, 2004).

1.1 “MORADA SOB AS ESTRELAS”: A ENTRADA EM CAMPO

Minha entrada em campo para realizar uma etnografia com pessoas em situação de rua ocorreu por meio coletivo, através de um desdobramento do “Museu das Coisas Banais”⁵: o projeto de extensão “Morada sob as Estrelas - Carregar só o que vale a pena”, idealizado pela doutoranda em Memória e Patrimônio/UFPel Daniele Borges, com apoio da Profª Claudia Turra Magni. Seu objetivo foi discutir e pensar objetos cotidianos que as pessoas carregam/guardam consigo, sob o viés da afetividade. O “*Morada*”, como é carinhosamente chamado pelos seus integrantes da

⁵ A proposta do “Museu das Coisas Banais”, coordenado pela Profª Juliane Serres, do Programa de Pós-Graduação em Memória e Patrimônio da UFPel é de compor um acervo digital com fotografias de objetos afetivos pertencentes as pessoas, objetos estes vistos como banais, mas que possuem uma potência narrativa e evocativa de sentimentos para quem os possui. O MCB foi criado em Outubro de 2014 e é um projeto de extensão da UFPel.

graduação em Antropologia (Guilherme Rodrigues, Amanda Medeiros e eu) surge no meu segundo ano da graduação em Antropologia Social e Cultural, despertando na pesquisadora que vos fala inúmeras inquietações e curiosidades acerca do tema, que de certa forma, já fazia parte da minha vida.

Através do *Morada*, fomos a campo com a mesma pergunta que movia o Projeto do Museu das Coisas Banais: “quais objetos afetivos as pessoas em situação de rua carregam consigo?; elas guardam estes objetos?; quais são os usos que fazem deles?”.

Em uma das primeiras ocasiões em que Daniele e eu fomos a campo, na distribuição de um sopão por um grupo de voluntários em espaço público, ao nos identificarmos junto ao coordenador, explicamos nossa questão de partida, e sua resposta foi: “*eles carregam facas, armas... não dá pra querer ser amigo deles*”. Esta afirmação, não somente nos espantou, como também aguçou nossa curiosidade sobre a problemática da pesquisa e o contato com aquelas pessoas.

Depois de uma saída exploratória pelo centro da cidade, junto com outros membros “flutuantes” da equipe, passamos a estabelecer, com aqueles que permaneceriam até o término do projeto, um trajeto recorrente, mas aberto ao que nos fosse proposto. Assim, entre maio de 2016 e janeiro de 2017, passamos a ir a campo quase que semanalmente, excetuando imprevistos e conflitos de horário entre nós.

O itinerário foi se estabelecendo de acordo com o que nos era dito e indicado por nossos interlocutores, o que nos permitiu sermos levados e andar junto com eles. A Praça Dom Antônio Zattera, localizada ao lado da Av. Bento Gonçalves, centro da cidade, foi o nosso foco, inicialmente; depois o CENTRO POP (Centro de Referência Especializado em População em Situação de Rua), que nos levou a fazer o circuito Praça-Centropop, Centropop-Praça. Com uma percepção atenta não só ao que era dito, mas ao que era feito e não era verbalizado, me foi possível refletir sobre outras dimensões que configuram a vida dos habitantes de rua.

Traçar um perfil geral destes interlocutores é arriscado, mas homens, entre vinte e sessenta anos de idade são maioria, enquanto as mulheres, mais jovens, beiram entre vinte a quarenta anos. Ao total, conforme meu diário de campo, uma média de 25 pessoas foram contatadas, tendo sido possível estabelecer uma relação mais próxima com cerca de 6 delas, sendo 2 mulheres e 4 homens. Houve outros contatos mais efêmeros, mas que mantiveram uma potência tão ou até

mesmo mais intensa do que com outros de “maior duração” temporal. Parte dessas pessoas provêm de outras cidades e estados do país, a maioria por ter de enfrentar problemas com dependência química e/ou ter se envolvido em algum tipo de contravenção (muitas vezes em decorrência da primeira) o que, ao meu ver, as levava a “tentar” a vida em outro lugar, que não o de origem. Outra parcela é natural de Pelotas e tem uma relação volúvel com estar em situação de rua, sendo essa condição circunstancial ou permanente. Ouvir as histórias destas pessoas foi fundamental para o estabelecimento de vínculos, e se torna praticamente uma condição inicial da pesquisa ao se tratar de moradores de rua (FRANGELLA, 2009).

Ouvi em campo a auto nomeação “morador/a de rua”, mas sirvo-me também da categoria de pessoa “em situação de rua” referente à vivência dessas pessoas em um centro urbano, majoritariamente fora de um domicílio fixo, onde as dinâmicas da cidade impõem determinadas lógicas no que diz respeito à obtenção de recursos para suas sobrevivências.

Algumas dessas pessoas que conheci morando na rua inicialmente, já não estavam em situação de rua mais tarde, mas continuavam dirigindo-se até o parque para conversar e manter uma relação de troca com quem ainda lá se encontrava. Com o tempo dei-me conta do que já apontava Lemões (2012) sobre o fato de que existia uma relação de afetividade e vínculos, pois quem já havia permanecido lá de maneira breve voltava para contatar quem estava de maneira duradoura.

Para fins de encerramento do projeto de extensão e restituição da pesquisa para as pessoas envolvidas, aconteceram duas oficinas em espaços públicos, ministradas por duas convidadas: a organizadora do projeto de extensão “Mini Jardim” da UFPel, Dalva Lopes, e a aluna do curso de Antropologia Social e Cultural da UFPel, Vitoria de Lima. A primeira oficina foi de kokedamas, técnica japonesa de vasos de plantas, e a segunda foi de mandalas de lã.

Outra forma de restituição social do Projeto *Morada* foi publicada em 29 de Setembro de 2016, em matéria no jornal pelotense Diário Popular.

Entretanto, com a conclusão deste Projeto (*Morada sob as Estrelas*), a prática de campo não terminou, visto que minha abertura para qualquer pessoa em situação de rua continua existindo até o momento de escrita deste trabalho, o que me provoca sentimentos ambíguos em relação à pesquisa, à universidade, ao mundo. Sendo assim, dou continuidade ao contato com algumas pessoas que conheci nas ruas de Pelotas via *Morada*. Outras, não vejo mais, pois sumiram do centro, e eu

também não frequento o Parque. Percebi, então, o movimento inverso: o campo é que passou a vir até mim. Uma relação simbiótica surgiu, em que, antes, era eu quem os procurava e hoje, passo a ser encontrada. Meu caminhar pela cidade conectou-se com o caminhar deles e delas, o que veio (e eventualmente, vem) permitindo conexões para além de interesses acadêmicos, mas sim para trocas pessoais, compartilhamento de experiências universais que enquanto seres humanos, passamos. Contatos estes que ainda carregam em si a efemeridade, o inesperado do momento, onde é quase impossível premeditar o próximo passo.

Como quase todos projetos com abordagem etnográfica, o trabalho de campo e encontro com as pessoas acabou transformando a proposta inicial, relacionada ao Museu das Coisas Banais. Apesar de ainda levar em conta os aspectos afetivos das coisas que carregam consigo, outras dimensões da vivência nas ruas acabaram se desvelando. Assim, vieram agregar-se ao tema desta etnografia, as táticas de sobrevivência e circulação na cidade, a relação das pessoas em situação de rua com seus corpos e outras dimensões pertencentes aos não-ditos.

1.2 REVISÃO DA LITERATURA, ADAPTAÇÃO DO TEMA E POSICIONAMENTO ÉTICO PERANTE A PESQUISA

Em História da Vida Privada, Michelle Perrot (1991, p.316), afirma que na Europa do século XIX: *“para as classes pobres, a cidade é uma floresta onde é preciso caçar a existência”*. Esta afirmação viria contribuir para meus questionamentos, assim como as considerações de Frangella (2009), em “Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo”, sobre o fato de que os mecanismos de sobrevivência dessa população são aprendidos na cidade.

Assim, apresento e reflito sobre as estratégias utilizadas por meus interlocutores em suas “caçadas pela existência” na cidade de Pelotas, atentando ainda para os cuidados com o corpo no contexto do viver nas ruas desta cidade. Com base neste trabalho de campo desenvolvido ao longo de 2016 e 2017, dialogo com a etnografia realizada em Porto Alegre, no início da década de 90, por minha orientadora, Profa Claudia Turra Magni. Sua dissertação de mestrado “Nomadismo urbano: uma etnografia sobre moradores de rua de Porto Alegre”, me faz pensar nos “corpos nômades”. Esse corpo contém marcas que evidenciam seu pertencimento

às ruas. Corpo este, que, “sujeito da existência, ele é igualmente objeto concreto (assunto e meio do conhecimento).” (MAGNI, 2006, p.77). As performances por eles exercidas, ou seja, suas posturas perante o mundo, também me interessam, principalmente o conceito de “nomadismo urbano” em oposição à ideia sedentária de habitação cidadina.

A tese de doutorado de Simone Frangella (2004), intitulada “Corpos urbanos errantes: etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo” é outra referência fundamental para minha compreensão de como é a relação entre o espaço urbano e o habitar as ruas, levando em conta a corporalidade resultante deste processo. Corporalidade esta, produzida como uma resposta ora

marcada pela vulnerabilidade aos processos violentos de repressão e exclusão física e simbólica, ora resistindo, por meio de novas adequações corporais, à sua extinção na cidade. (FRANGELLA, 2004, p.4)

Adiante, a tese “Nas tramas do crack etnografia da abjeção”, de Taniele Rui, orientada por Simone Frangella – aponta outra ideia com a qual compactuo:

a problemática que orienta este trabalho foi decorrente do próprio andamento da pesquisa. Jamais entendi o campo como um lugar onde se prova hipóteses; ao contrário, busquei produzir todas as minhas reflexões no confronto entre teorias acadêmicas e aquilo que vi, ouvi e senti. (RUI, 2014, p. 24)

A autora atenta a olhar para o corpo dos usuários de crack, especificamente do que ela categoriza como *noia*, que “tem passado a ser termo agregador e rótulo pejorativo dos efeitos imediatos do uso de crack e, também dos usuários cuja corporalidade abjeta ganha destaque.” (RUI, 2014, p.316). A visibilidade da corporificação desse uso implica em uma exposição à intervenções, esforços disciplinadores e violências físicas.

Tiago Lemões da Silva (2012), em dissertação de mestrado sobre etnografia dos vínculos entre pessoas em situação de rua em Pelotas - RS, intitulada “Família, rua e afeto: etnografia dos vínculos familiares, sociais e afetivos de homens e mulheres em situação de rua” atenta para a continuação dos vínculos destas pessoas no universo da rua, opondo-se a ideia de rompimento deles. Esta pesquisa possibilita a compreensão de como estes sujeitos mantêm, criam e atualizam estas relações. Lemões também enfatiza que seu caminhar junto aos interlocutores pela

cidade possibilitou que o mesmo acessasse as dinâmicas das relações dessa população, o que vem ao encontro do que procuro esboçar neste trabalho.

Tal como Janice Caiafa (1985, p. 24), em “O movimento punk na cidade”, concordo com a ideia de que “toda experiência é um segredo. Não porque esconde alguma coisa mas porque produz em múltiplas direções (...) por ter infinitos lugares. O que escrevemos nos escapa desde o início”. Fazer campo, de fato, é estar aberto a outras categorias as quais de início sequer foram pensadas.

Assim, considero que a maior motivação para realizar a escrita deste trabalho é, sem dúvida, lembrar o sorriso das pessoas com quem estive em campo, a efemeridade dos momentos sublimes em que compartilhamos parte do espaço-tempo do que conhecemos como vida, a vivência do momento. Todo encontro é sagrado. E fugaz.

Dentre os questionamentos que as leituras e o trabalho de campo me colocaram, destaco: Como ocorrem os deslocamentos destas pessoas na cidade? Como realizam seus cuidados com o próprio corpo? Como tratar de outras dimensões da etnografia, como os não-ditos e as dificuldades vividas em campo? Como elas se relacionam com assistência social municipal - o Centro de Referência Especializado em População em Situação de Rua (CENTRO POP)?

Em termos éticos, atento para o fato de que, enquanto estudante/pesquisadora, meu posicionamento nesta relação etnográfica é localizado, contextualizado, não-neutro e sujeito a afetar diretamente a interação com meus interlocutores. Para além da postura de atenção, observação e escuta atenta e engajada com eles, com vistas à descrição etnográfica, inúmeras vezes achei pertinente dar dinheiro a quem me pedia (alguns conhecidos e desconhecidos), ajudar com roupas e produtos de higiene ou o que mais estivesse em meu alcance. Não me importei se isso poderia prejudicar ou não a pesquisa, pois atender ao pedido de quem me solicitasse afetava diretamente minha concepção de vida, humanidade, cooperação.

O contato com o outro é cheio de mistérios, alegrias, dores, transformações, reafirmações, contrariedades e atravessamentos - que podem tirar o sono, fazer com que se repense o pensado inicialmente a respeito do modo de vida do outro e principalmente o seu próprio. Outro este que me é diferente e não é, mas, em determinada instância, é, ao mesmo tempo, igual, para além das diferenças culturais.

Neste relato etnográfico, preferi utilizar codinomes de pedras preciosas em detrimento dos nomes originais das pessoas, a fim de resguardá-las de futuras identificações. Também optei por não descrevê-las em minúcias, já que o enfoque deste trabalho não é direcionado para suas biografias e trajetórias. Foi necessário contextualizar de quem se tratava e quais eram algumas de suas características, as quais me foram reveladas em campo. Minha opção por esta escrita se deu pelo fato de que as pessoas são muito mais do que aquilo que demonstram ou ocultam ser.

Quanto à dimensão ética relacionada às fotografias das oficinas, sua seleção não foi realizada de maneira impensada. Dei preferência às que não expusessem seus rostos e que também salientassem outra percepção sobre parte da população de rua, sem reforçar o estigma de sofrimento tão presente nas imagens construídas socialmente a seu respeito. Penso que este modo de proceder contribui para proteger e zelar pela dignidade dessas pessoas, seu direito de não ter sua imagem vinculada a uma descrição feita por outra pessoa em um trabalho acadêmico. Acredito que a escrita e os relatos etnográficos contêm potência suficiente para tocar o leitor.

Sempre soube que minha relação entre as pessoas que conheci seria de certa maneira assimétrica, pois eu passaria a ser percebida quase sempre como alguém pertencente à Universidade, logo, ao Estado, representante da mesma matéria-prima que compunha as instituições que mandavam e desmandavam na vida dos nômades urbanos. Com o passar do tempo (e com a maturidade que só a estadia em curso de graduação poderia fornecer) fui aprendendo que eu poderia usufruir das vantagens de tal condição, e que esta afetaria não só esta população, mas as demais pessoas que as vêem e percebem. Abandonei a ilusão de mudanças exponenciais e imediatas, passei a acreditar nas micropolíticas.

Alguns de meus colegas de projeto de extensão, aqueles que foram a campo junto a mim, discordarão de mim, enquanto outros concordarão com as questões que levanto nesse trabalho de conclusão de curso. Estranho seria se concordássemos integralmente, se lembrássemos das mesmas coisas e fôssemos tocados da mesma maneira. Cada um possui uma vivência, uma bagagem e um olhar diferente para o mesmo projeto, com elementos a acrescentar e possibilidade de mostrar outros lados que até então não perceberíamos sozinhos. Este trabalho, assim como as categorias abordadas e trabalhadas são de minha inteira responsabilidade.

1.3 MÉTODO ETNOGRÁFICO E CARTOGRAFIA-RIZOMA

Durante o Projeto coletivo “Morada sob as Estrelas” e o *continuum* fazer e estar em campo que conduziram a esta monografia, o método etnográfico foi utilizado para a coleta de dados. Este método, dentro da Antropologia, é conhecido por estabelecer uma troca intersubjetiva entre o pesquisador e o pesquisado, de maneira que a relação entre eles será o fio condutor da pesquisa. Penso que a etnografia é uma interferência mútua, uma intersubjetividade recíproca. Para a antropóloga Mariza Peirano (2008, p.3), a “etnografia não é apenas um método, mas uma forma de ver e ouvir, uma maneira de interpretar, uma perspectiva analítica, a própria teoria em ação.” Esta afirmação remete-me que estar em campo é uma postura, que o/a pesquisador/a assume diante da experiência, ou, nos termos de Peirano, da “teoria vivida”, e que o fazer etnográfico diz respeito também à organização e contextualização daquela “ação” observada.

José Guilherme Cantor Magnani (2002, p.11), afirma que o método etnográfico “é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos”. É nessa tentativa de apreender o mundo do outro, suas categorias, cosmovisões e percepções, ou seja, seu modo próprio de experienciar a vida, que este trabalho se desdobra. Outra contribuição importante mencionada pelo antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (2000), em “O trabalho do antropólogo“, no capítulo “Olhar, ouvir e escrever”, é a de que a teoria pré estrutura o nosso olhar e sofisticada nossa capacidade de observação. O olhar e o ouvir devem trabalhar juntos, em campo, quando o escrever deve ser feito em outro momento, em que se irá analisar o que foi visto e ouvido em campo. Assim como colocado pela antropóloga Urpi Montoya Uriarte (2012), em artigo sobre “O que é fazer etnografia para os antropólogos”, a etnografia é um método próprio do séc. XX, já que anterior a este período o fazer antropológico era realizado a partir de relatos de viagens e expedições, onde estes escritos eram produzidos. Existiu, neste período, a chamada “Antropologia de gabinete”, local onde estes pesquisadores a exerciam: em casa, sem ir de encontro ao “nativo”, apenas via relatos. Foi a partir da “expedição” de Bronislaw Malinowski, um jovem de origem polonesa e na época doutorando em Antropologia na *London School Economics*, para as Ilhas Trobriand em 1914, que os rumos da Antropologia passaram a se modificar. Ele permaneceu junto aos trobriandeses e conviveu com eles durante três anos. Malinowski queria apreender o

“ponto de vista do nativo”. A observação participante é uma das técnicas cunhadas por este antropólogo, mas igualmente aplicada no contexto urbano por William Foote Whyte (1980), atento ao fato do pesquisador participar da dinâmica social do grupo que está estudando. Este tipo de técnica do método etnográfico foi fundamental para a feitura desta pesquisa - não fosse a observação participante, em nosso projeto de extensão e de pesquisa, não iríamos nas instituições que os interlocutores se utilizavam, e também não teríamos circulado na cidade com eles.

Outra técnica etnográfica de fundamental importância para esta pesquisa foi a observação flutuante, termo cunhado pela antropóloga Collette Pétonnet (2008). Consiste na pré-disposição do pesquisador a ser conduzido pelo seu interlocutor (e/ou interlocutores), por dinâmicas que até o presente momento ele não havia percebido. A partir dessa abertura, é possível ser levado a conhecer outras categorias as quais não se pensava antes. É necessário estar atento, não voltado para algo específico, mas aos acontecimentos de maneira ampla. Lembro-me de minha orientadora em ida à campo comigo. Guardo este momento de aprendizado e suas palavras com muito carinho: *“Estar em campo é manter um estado de atenção, não de tensão”*.

Todos os fatos etnográficos aqui mencionados foram registrados em diário de campo, instrumento essencial para pesquisadores do campo da Antropologia. Acontece da seguinte maneira: o/a pesquisador/a vai a campo, participa de determinadas atividades junto ao grupo estudado, vivencia um período de tempo junto às pessoas e escreve o que vivenciou no diário, ao retornar do campo. A partir deste registro, mas também de fotografias, desenhos, cartografias é que o/a pesquisador/a analisará os dados empíricos. A descrição densa é fundamental para a feitura do diário, registrando o máximo possível de informações colhidas em campo.

Assim como outros pesquisadores (LEMÕES, 2012; FRANGELLA, 2009) que estudaram população em situação de rua e optaram por não se utilizarem de gravadores devido ao constrangimento das pessoas para com a máquina e inibição por terem seus relatos gravados, também descartei a hipótese de utilizá-lo, preferindo me ater ao diário de campo e à cartografia poética. Para além das observações éticas já referidas quanto ao emprego de fotografias nesta pesquisa, cabe ainda destacar, a partir dos fundamentos da Antropologia Visual, que elas não buscam apenas servir de ilustração ou recurso de apoio e reiteração das ideias

explicitadas em texto. Pelo contrário, trata-se de concebê-las e interpretá-las, menos como dados objetivantes e mais em seu aspecto dinâmico, comunicacional e criativo, enquanto “eventos” integrados à dinâmica do trabalho de campo. Como ressaltado por Milton Guran (1997), a imagem pode ser pensada como um instrumento etnográfico para antes e depois do trabalho de campo. É possível, por meio da fotografia, dar-se conta de outras dimensões que a escrita não conseguiu abarcar. E ressalta ainda, como já apontei anteriormente, que é imprescindível ter uma postura ética ao se fotografar – ainda mais em um campo de vulnerabilidade, como a que está sujeita a população em situação de rua. A ideia inicial era ter explorado mais a fotografia, mas, sentia sempre não ser o momento ideal para utilizar-me dela, o que fez com que eu enfocasse em uma descrição densa no diário de campo. As imagens aqui apresentadas são de outros integrantes do projeto: Daniele Borges e Guilherme Rodrigues.

Esta etnografia é multisituada, ou seja, a realização do trabalho de campo se deu em vários locais da cidade, pois observei e circulei em diferentes ruas com estas pessoas, assim como os encontrei ao acaso e também fui encontrada por eles. No entanto, dois locais foram os principais pontos de contato na cidade de Pelotas/RS, onde pude realizar o trabalho de campo de maneira mais aprofundada, dialogando e observando suas dinâmicas - o parque Dom Antônio Zattera e o CENTRO POP (Centro de Referência Especializado em População em Situação de Rua) os quais também foram os dois primeiros locais que o projeto de extensão atuou.

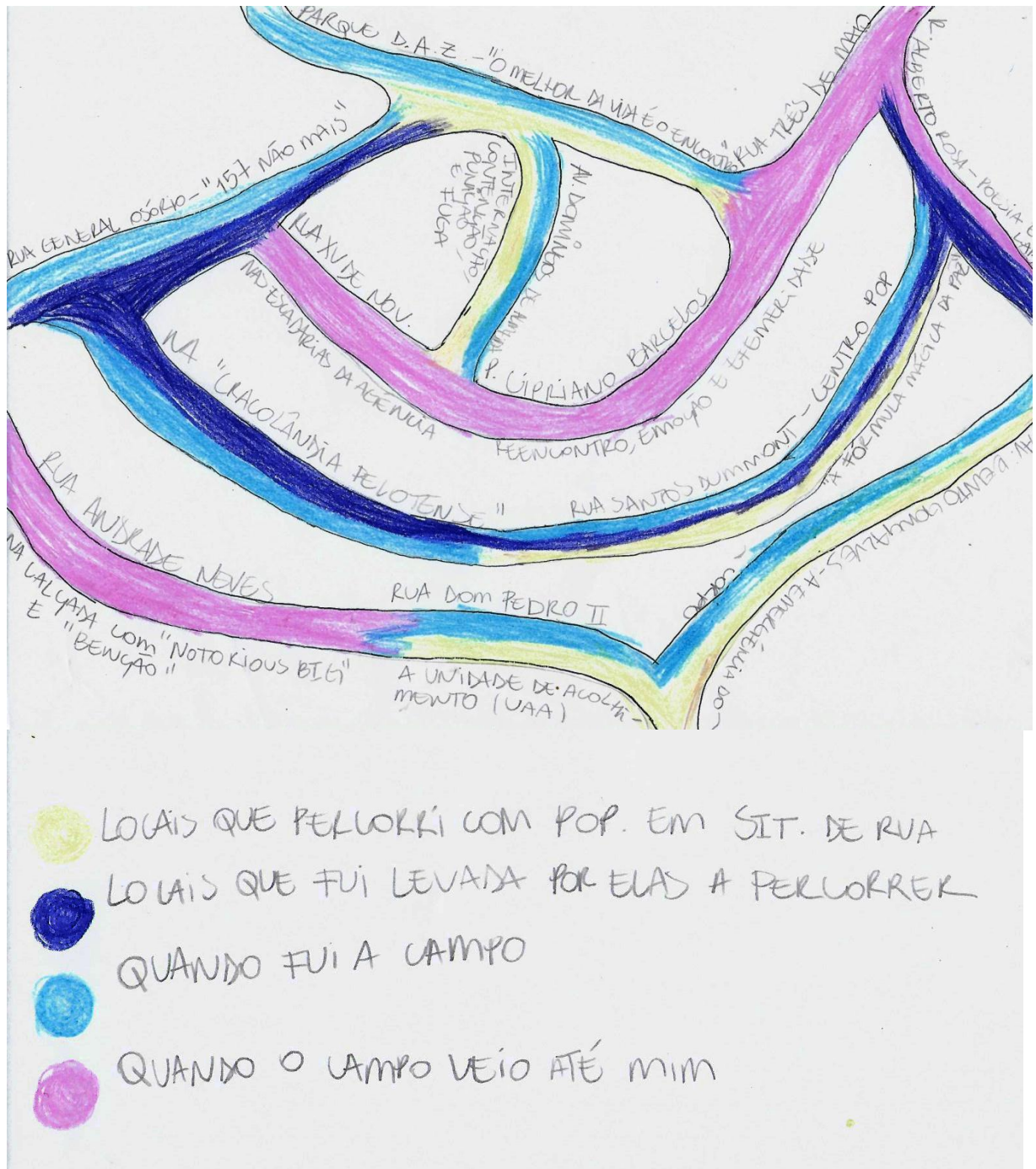
Para frequentar o CENTRO POP foi necessário apresentar um documento onde constasse a apresentação do projeto, quais eram seus objetivos, quem eram seus integrantes, emails e telefones. Após as questões burocráticas, meus colegas e eu obtivemos livre passagem para circular na instituição, conversar com os usuários que estivessem por lá e observar sua circulação. Neste local, a técnica de pesquisa denominada grupo focal, explicitada por Ceres Victora (2000) foi utilizada. O grupo focal possui como mote um foco principal, como por exemplo, captar a visão de mundo de um grupo. A partir de temas relativamente de ordem cotidiana dos interlocutores, foi possível conversar sobre estes fatos percebendo suas visões e percepções sobre os mesmos.

De forma complementar ao método etnográfico, recorri à cartografia social e poética, a qual apresento adiante na forma de um rizoma (DELEUZE & GUATTARI, 1995), pois foi neste formato que pude perceber o campo. O conceito tratado por

estes autores diz respeito a um modelo de conhecimento rizomático, no qual todas as vias de acesso têm contato umas com as outras, assim como se afetam e incidem sobre si mesmas. Este esquema fornece múltiplas entradas, assim como múltiplas saídas. Pensar o trabalho de campo com população em situação de rua desta maneira me auxiliou a entender nossas conexões uns com os outros: estávamos todos interligados. A cartografia-rizoma se mostra potente por evidenciar alguns pontos onde foi possível encontrar interlocutores pela cidade de Pelotas e onde fui encontrada por eles.

Foi trilhando um caminho em comum pela cidade, ainda que fosse por um quarteirão, que pude saber um pouco mais sobre a vida dessas pessoas, ressaltadas posteriormente nas categorias desta narrativa etnográfica. A ideia de trilhar um percurso, do caminhar pela cidade como maneira de conhecê-la (CARERI, 2013) foi fundamental nesta pesquisa. O caminhar como prática exploratória fez-se presente.

Nem todos os pontos mencionados na cartografia-rizoma foram explicitados no texto, mas por se propor a não começar e ou concluir algo, mas sim ser “um meio pelo qual cresce e transborda” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p.31), considerei pertinente manter evidenciados outros pontos que aqui não foram trabalhados de maneira direta.



Cartografia poética. Grafite e lápis de cor sobre papel. Estefani B. L. 2018. Dimensão: 210mm X 297mm.

Legenda:

- Rua General Osório - "157 não mais"
- Parque Dom Antônio Zattera - "O melhor da vida é o encontro"
- Rua Três de Maio - Alguém nos vê na multidão
- Rua Coronel Alberto Rosa - Poesia e Laboratório
- Rua XV de Novembro - Nas escadarias da agência bancária alguém acena
- Rua Santos Dummont - Centro POP - "A fórmula mágica da paz"
- Av. Domingos de Almeida - Internação, contenção, punição e fuga

Parque Dom Antônio Zattera - "O melhor da vida é o encontro"

Rua Andrade Neves - Na calçada com "Notorious BIG" e "Benção"

Rua Dom Pedro II - A Unidade de Acolhimento (UAA)

Av. Bento Gonçalves - A emergência do corpo

CAPÍTULO 2

2. OS NÔMADES URBANOS - VIVENDO NA CIDADE, CIRCULANDO NOS LUGARES E PERCEBENDO O CORPO

O caminhar pela cidade, como referido no capítulo anterior, fundamenta-se nas contribuições de Francisco Careri (2013), que está pensando a cidade como portadora de espaços nômades e espaços sedentários. A cidade nômade vive dentro da sedentária, nutrindo-se de seus resíduos.

De fato, as pessoas em situação de rua que encontrei nessa pesquisa utilizam-se do espaço citadino de maneira diferenciada da dos “sedentários”, como aponta Magni (2006) sobre os nômades urbanos. A busca por recursos como local para abrigar-se e obter alimentos dentro da cidade torna-se um *contínuum*.

Meu andar pela cidade veio ao encontro da ideia de que “a exploração da cidade e a contínua descoberta de realidades a serem reveladas são possíveis em qualquer lugar” (CARERI, 2013, p.32). Por mais que fizesse e trilhasse os mesmos caminhos, o inesperado sempre vinha ao meu encontro e me revelava ideias, inspirações e pessoas novas, mesmo que já fossem antigas. Trilhar o percurso pela cidade permitiu com que eu observasse a circulação de pessoas em situação de rua por elas - dificilmente as encontrava nos mesmos lugares e horários.

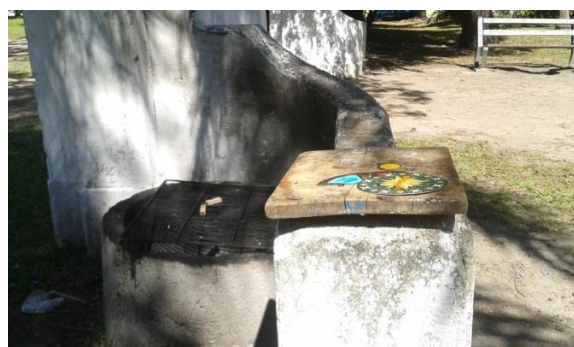
Assim, ao longo do trabalho de campo, circulei pela cidade, guiada por meus interlocutores, nas ruas Andrade Neves, Direitos Humanos, General Osório, Santos Dummont, Coronel Alberto Rosa, Dom Pedro II, Três de Maio, Av. Domingos de Almeida, Av. Bento Gonçalves, XV de Novembro. Algumas dessas ruas serão destacadas aqui pelo fato de serem mencionadas ao longo do trabalho, outras, possivelmente ficarão de fora por não encaixarem-se nas temáticas descritivas aqui propostas, mas fazem parte da experiência de campo e poderão ser retomadas em pesquisas futuras.

O Parque Dom Antônio Zattera e o CENTRO POP foram locais privilegiados para o trabalho de campo. Neste local municipal de acolhida pude acompanhar as dinâmicas das pessoas acolhidas e suas relações com os trabalhadores deste espaço.

Os nômades urbanos (MAGNI, 2006), ao contrário do que se afirma comumente, não pairam sob a invisibilidade, e sim sobre o controle Estatal que

exerce determinada tutela mediante os mesmos. Seu modo de viver atrapalha a ordem citadina e o ideal de higiene do espaço urbano. Por “infringirem” a dicotomia público-privado, estes indivíduos acabam por perturbar os ideais de convívio na cidade, pautada sob uma ótica individualista e sedentária. Ao se utilizarem de locais públicos como praças, parques, calçadas e ruas dos centros urbanos, esta população tensiona a normativa sedentária ao se deslocarem e utilizarem-se do espaço em que habitam, considerado público. Remoções de seus pertences das ruas e/ou praças como cobertores, colchões e outros objetos acabam por acontecer, a fim de que estes sujeitos sejam conduzidos a instituições. Desta maneira, a normativa de cidade “limpa”, sem outros tipos de habitação urbana, é levada em consideração por diversos agentes estatais.

Historicamente, este segmento recebeu diversas denominações, especialmente no contexto europeu. Na antiguidade, Idade Média e Modernidade, os “mendigos”, “indigentes”, “vagabundos” foram representados de diferentes formas, por ora vistos como sagrados (no caso da igreja Católica na Idade Média), por outra sendo contidos de praticar a “vagabundagem” (como nas Cruzadas). Atualmente, levando em conta a constituição dos grandes centros urbanos datados a partir do séc. XIX e XX, pode-se afirmar que a população em situação de rua utiliza-se de tudo aquilo que o sistema capitalista descarta e rejeita, reutilizando-se desses materiais.





2.1 O PARQUE DOM ANTÔNIO ZATTERA: O ESCRITÓRIO DO BOSQUE

Popularmente conhecida como “Praça da Bento”, o Parque Dom Antônio Zattera⁶ é localizado no bairro Centro da cidade de Pelotas, situado na Avenida Bento Gonçalves, entre as ruas Andrade Neves, Dr. Amarante e Padre Anchieta. O tamanho desta praça é o que a configura enquanto Parque, tendo cerca de 400m de extensão. Este local é bem arborizado, em seu centro existe uma espécie de corredor e que ao final possui um chafariz (este encontra-se sem funcionamento). Em direção à Rua Dr. Amarante, ele possui equipamentos para exercícios físicos (academia móvel) implantados pela prefeitura da cidade, uma pista de skate, quadra de futebol, e parque de diversões. No sentido Andrade Neves, existem muitas árvores, o que compõe um ambiente com pouca iluminação à noite.

Em uma de suas laterais, a Av. Bento Gonçalves, um dos principais eixos viários da cidade, ocorrem desfiles comemorativos, como o da “Revolução Farroupilha”, da “Independência do Brasil” ou do Movimento LGBT. No primeiro deles, inúmeras pessoas dirigem-se até a Avenida Bento Gonçalves a fim de presenciar a chegada da chama crioula até o Altar da Pátria (que está localizado em uma das extremidades do parque). Segundo o site da cidade⁷, o Altar é definido como: “marco de granito contendo placas em bronze exaltando os que lutaram pela

⁶ Dom Antonio Zattera foi bispo da Diocese de Pelotas, assim como fundador da Universidade Católica de Pelotas - UCPel.

⁷<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=445794&view=detalhes>

Pátria”, assim como “o Marco em homenagem a Marinha do Brasil, em bronze, tendo na parte superior a roda de leme e o busto do Almirante Joaquim Marques Lisboa, Marques de Tamandaré”. O Parque passou a se chamar “Dom Antônio Zattera” somente a partir dos anos 2000, antes desse período chamava-se “Praça Júlio de Castilhos”, homenageando o político. Anterior a Júlio, em 1893, era conhecida por “General Câmara”, em homenagem ao Visconde de Pelotas, líder das tropas que colocaram fim na Guerra do Paraguai, em 1870. Também já foi chamada de “Praça dos Macacos” quando abrigava um mini zoológico. Esse local teve um passado (infelizmente), nada diferente do que tiveram os outros lugares considerados “Patrimônios Pelotenses”: palco para assassinato de pessoas negras escravizadas em meados do séc. XIX. Segundo site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística):

A zona do Parque era caminho para quem seguia na direção das charqueadas e da tablada, locais onde aconteciam os leilões de gado. Na época escravagista, escravos acusados de homicídio ou de ferirem gravemente seus Senhores eram levados até o Parque, onde cumpriam pena de morte na forca. Isso ocorreu até por volta de 1857 e, posteriormente, o poder imperial deixando de aplicar a pena de morte e havendo a Abolição da Escravatura em 1888, a forca foi desmanchada e suas peças de madeira foram levadas para o Mercado Central, onde serviram nas obras do Mercado como marcos e traves de portas e janelas. (IBGE, 2016).

Mais uma vez estima-se e consagra-se um dito patrimônio manchado com o sangue de pessoas negras que foram escravizadas. Grande parte da constituição da cidade de Pelotas, infelizmente, é em cima desse sangue. Essa questão é levantada pela antropóloga Flávia Rieth e pela arqueóloga Louise Alfonso (2016) em artigo que discute os processos de inclusão e exclusão na Pelotas antiga e atual.

A partir da observação participante realizada no parque Dom Antônio Zattera foi possível perceber as diferentes pessoas que ali circulam: homens e mulheres levam seus animais de estimação para passear, adolescentes vão para a pista de skate arriscar diversas manobras, crianças brincam no balanço e escorregador do parquinho, famílias levam chimarrão aos finais de semana, a presença da guarda municipal, além das pessoas em situação de rua, foco desta pesquisa. Elas permanecem durante o dia lá ou se utilizam do local para abrigar-se à noite. Alguns aguardam lá o horário de entrada na casa de passagem/albergue, situado nas proximidades, assim como as idas ao Centro POP, localizado a duas quadras de distância.

A primeira ida a campo neste local ocorreu no dia 8 de Junho de 2016 em um dia de inverno de céu azul sem nuvens. A comida foi um elemento inicial de compartilhamento com as primeiras pessoas em situação de rua que tivemos contato - estávamos com uma sacola de bergamotas, que oferecemos a eles e comemos juntos. Estávamos entre cinco pessoas: Pedro (graduando da Geografia), Amanda (graduanda da Antropologia), Jean (graduando em Antropologia), Dani (doutoranda da Memória e Patrimônio), e eu. Sentamo-nos no chão para conversar e comer as frutas, enquanto eles estavam sentados em um banco que se localiza perto do parquinho. Eram cerca de quatro pessoas, sendo elas: Ônix, um senhor magro, branco, de aproximadamente uns cinquenta anos, de aparência envelhecida, o qual me parecia familiar e que nos tratou de maneira receptiva; Jade, uma jovem de vinte e poucos, branca, que usava capuz e olhava para baixo enquanto conversávamos - ela possuía uma timidez que só viria a se desfazer depois de considerado tempo à campo; Rubi, um rapaz que regulava de idade com Jade, negro, também tímido, e que vestia calças brancas impecáveis; Crisocola, homem de uns quarenta anos, negro, sorridente, e que demonstrou alegria com a nossa presença. Nos apresentamos e fizemos questões referentes ao viver nas ruas, assim como fomos interpelados por perguntas a respeito de nossas vidas. Houve momentos de silêncios, timidez, e de não saber como agir - coisas que fazem parte de “fazer campo” para os antropólogos.

Uma semana depois, retomamos. Passávamos algum tempo sentados em algum banco próximo ao de onde eles ficavam, observando a circulação de pessoas no local e encorajando-nos a ir ao encontro dos interlocutores. Assim foi feito na maioria das vezes em que fomos a campo neste local. A efemeridade deste universo de pesquisa pode ser sentida já no segundo encontro, ao perguntarmos de Crisocola à fim de saber notícias dele - já que neste dia encontramos apenas Ônix e Jade, esta, que estava deitada em seu colo, quando fomos ao seu encontro. “*Pegou a biscletinha dele e foi embora*” disse-nos Ônix. Nunca mais encontramos Crisocola. A carga de intensidade emocional já era reconhecida desde o princípio ao trabalhar com essa população, assim como certa efemeridade dos contatos.

Os cães, como fiéis escudeiros, acompanhavam sempre o grupo em situação de rua do parque. *Pantufa*, *Sininha* e *Tapete* estavam sempre lá, acompanhando-os. Às vezes, quando íamos ao encontro dos interlocutores para conversar, outras pessoas que estavam junto a eles acabavam afastando-se, dirigindo-se a outro local,

como que evitando nossa presença. Este fato aconteceu algumas vezes. Estas pessoas que acabavam afastando-se foram as que mais instigaram-me curiosidade, como o caso de Olho-de-tigre, um jovem de uns vinte e poucos anos, magro, de estatura média, que mantinha sempre uma aparência impecável e usava uma mochila xadrez vermelha. Certa vez se distanciou de nós enquanto conversávamos com outras pessoas, mas, de longe, despediu-se de nós acenando quando íamos embora. Ele veio a interagir mais conosco ao longo da pesquisa, mas sempre em uma relação não tão próxima e não tão distante.

Com o tempo percebi que algumas pessoas que já não estavam em situação de rua continuavam eventualmente indo até o parque a fim de saber notícias de quem estava, e/ou compartilhar parte do espaço/tempo com eles. Evidentemente existia um vínculo afetivo entre estas pessoas, forte o suficiente para que elas retornassem ao parque e continuassem mantendo uma relação.

Acabamos indo por quase um ano neste parque. Ao total, conhecemos cerca de 10 pessoas aí. Duas ou três delas foram de quem mais nos aproximamos. Fazíamos nossas idas ao parque, e após íamos ao Centro POP. Este local veio a ser mencionado no segundo dia de campo, quando Ônix comentara sobre os locais que ofereciam alimentação para pessoas em situação de rua na cidade.

Ao longo destas idas a campo, pude observar algumas dinâmicas, como por exemplo, a ocorrência da internação de Ônix junto à Jade em um hospital psiquiátrico da cidade. Eles mantinham uma relação de casal que foi explicitada desde o segundo dia à campo, tornando-se mais evidente quando Jade, ao nos contar sobre sua relação conflituosa com a mãe, disse-nos que ela falou: *“Que que tu quer com esse velho vagabundo?”*. De imediato dei-me conta de que se tratava de Ônix. Este senhor habita o parque há quase trinta anos, em meio a internações para livrar-se do alcoolismo e também do crack. Em conversa sobre CTs (Comunidades Terapêuticas para desintoxicação de dependentes químicos) lembro dele comentando sobre sua preferência por ficar no parque: *“É... agora tem que ficar um ano, antes era seis mês, e lá não tem cigarro, aí quem é fumante...eu prefiro ficar aqui (esboçando um sorriso)... na rua”*.

Esta internação se deu ao fato de Ônix acompanhar Jade para apoiá-la em processo de desintoxicação, a qual também passava por momentos de luta contra a dependência química (lembro-me dela contando-nos sobre o fato de estar “limpa há duas semanas”, sem fazer uso de substância nenhuma, logo quando começamos a

fazer campo), e que, segundo, ele, esta, assim que recebia dinheiro não aguentava ficar muito tempo sem gastar com drogas. Outras pessoas do campo disseram-me que eles haviam decidido internarem-se juntos.

Quando Ônix internou-se, a praça se esvaziou. Nem os cães foram vistos no parque. Não se via mais ninguém no local central, próximo à pista de skate e do parquinho infantil, que configurava uma passagem, com bancos e uma espécie de “rua” onde a turma se reunia. Conforme Tiago Lemões (2012) coloca em sua dissertação de mestrado intitulada “Família, rua e afeto”, dei-me conta de que

A ausência de alguns sujeitos é sentida com intensidade, o que faz com que, mesmo longe, estes sujeitos demonstrem preocupação e consideração mútuas. Se parecem deixar lacunas quando ausentes é porque ocupam lugares importantes em suas trajetórias relacionais. (SILVA, 2012, p. 152)

Quase todos os “recém-chegados” à rua, ao direcionarem-se a esta praça, permanecem próximos a Ônix, como o caso de Safira, um homem branco, de estatura baixa, já mais velho (cerca de uns quarenta anos de idade), mas com aparência jovem, com diversas tatuagens, um interlocutor vindo de outra cidade e que conheci ao longo do projeto. A respeito de Ônix ser uma das figuras centrais deste grupo que se articula no parque, lembro-me da fala de Safira, que evidenciava este tipo de ligação de quem ingressara nas ruas com ele: “*é, quando eu cheguei de São Paulo e comecei a andar com ele, ele disse que ia me mostrar tudo aqui, e assim foi*”. Desta maneira, as evidências levantadas em campo apontam para as estratégias da população de rua no que tange sua articulação e garantia de sobrevivência no centro urbano:

Para o nômade, a vida na rua condiciona as formas de emprego do corpo, fazendo adaptá-lo aos recursos do meio. As estratégias de sobrevivência utilizadas exigem o domínio de um conhecimento transmitido pelos sujeitos que tenham ingressado há mais tempo nessa forma de vida. (MAGNI, 2006, p. 88)

Em outra ida a campo, conheci Pirita, que no momento não estava em situação de rua, mas já havia estado, inclusive habitando este parque. Ele havia vindo do Rio de Janeiro para Pelotas, já conhecia Ônix e parte do pessoal que andava junto a ele. Pirita é um senhor negro, de aparentemente uns cinquenta e poucos anos, magro, de estatura média, bigode e cabelos curtos. Demorei-me a

perceber quando as pessoas neste universo de pesquisa encontram-se embriagadas ou não, mas ao longo do tempo pude notar que quando isto ocorria o sujeito demonstrava suas emoções e expressões de maneira exacerbada. Pirita algumas vezes agia de maneira hostil, sóbria, sem sentimentalismos, mas tornava-se bastante emotivo quando ingeria álcool.

No dia treze de Julho de 2016, o conhecemos. Ele perguntara qual curso da faculdade fazíamos, o que pretendíamos com o projeto e questões neste sentido. Estávamos sentados em um banco próximo ao de que ficava Ônix, Jade e outras pessoas, eu estava junto a Guilherme, meu colega, conhecendo Topázio, um homem branco de uns quarenta e poucos anos, alto, magro, de olhos verdes e que usava boné nesta ocasião. Ele contou-nos que já havia morado na rua e que no presente momento não estava, também nos contara parte de sua história de vida cheia de ganhos e perdas, junções e separações. Olho-de-tigre, o rapaz jovem que há pouco descrevi, estava lá, mas afastou-se quando chegamos, o que muito lastimei.

Pirita, de pé e em frente ao banco em que estávamos, lançou a pergunta quando nós menos esperávamos: “*Vocês trabalham em escritório?*”, em tom de voz baixo. “*Como assim escritório?*” respondi. “*É surda?!*” “*É que eu não entendi o que tu falou*”. “*Escritório... vocês tão aqui no Escritório do Bosque*”. Voltamos a conversar com Topázio, quando ao se retirar do local onde permanecíamos, Pirita nos deu o aviso: “*Quando sair fecha o escritório... O Ônix é quem fica com a chave*”. A partir dessa afirmação, pude constatar cada vez mais a centralidade de Ônix para determinadas pessoas que partilhavam das mesmas condições que ele, e que se tornou ainda mais evidente quando ele permaneceu um tempo fora do parque, assim como nas diversas declarações de outros interlocutores sobre um envolvimento afetivo com ele. “*O Ônix não tem quem não goste*”, me disse uma vez um homem branco, de olhos verdes e de altura baixa, o qual não disse-me seu nome, que não estava em situação de rua naquela circunstância mas que dirigia-se até a praça para conversar com o pessoal que estava.

2.2 O CENTRO POP

O Centro Pop (Centro de Referência Especializado em População em Situação de Rua) localiza-se na Rua Santos Dumont, entre Av. Bento Gonçalves e Padre Anchieta. Este órgão é mantido em funcionamento com os recursos da prefeitura da cidade. Seu funcionamento é de segunda a sexta, das 9 da manhã às 16:00hrs. O Pop oferece café da manhã, almoço e lanche, assim como possui uma espécie de lavanderia, banheiro equipado com chuveiro e varal de roupas para que a população de rua possa realizar sua higiene. Conta também com uma sala de internet e alguns livros. Também dispõe de armários para seus usuários guardarem seus pertences.

Passado a parte burocrática, meus colegas e eu passamos a nos dirigir até o “POP” quase que semanalmente durante o ano de “Morada”, para conversar e conhecer pessoas que fizessem uso desta instituição. Neste tempo frequentando-o pude acompanhar mudanças, inclusive uma troca de gestão. Algumas delas foram a alteração do local onde se faziam as refeições, a retirada de “fichas” que especificava para qual serviço do POP o habitante da rua estava procurando (se higiene, alimentação, ou “lazer”), a restrição ao uso da internet e controvérsias entre os trabalhadores do centro POP, como posições políticas/práticas distintas. A relação de alteridade entre alguns trabalhadores do POP e de quem se utilizava dele era acentuada - algo que se podia notar através da observação feita nas imersões a este local.

O POP mudou sua configuração espacial desde que passei a frequentá-lo. Quando comecei, havia um corredor de entrada, a sala de internet à esquerda, e a sala central onde as pessoas alimentavam-se e assistiam televisão. Passado a sala central, a sala da assistente social e a cozinha. Na sala central, uma abertura que dava para os armários. Havia uma saída para o pátio, e o banheiro/lavanderia, que ficavam em um compartimento separado. Passado um ano, a entrada ao Centro POP agora é no corredor dos armários. A sala principal contém uma espécie de “catraca”, onde é preciso especificar para o quê se quer acessar a instituição - se para realizar higiene, alimentar-se ou usar a internet. A secretária precisa identificar quem é a pessoa que está procurando o serviço - se ela tem cadastro. A alimentação não é mais feita na sala principal, agora é em uma sala à parte.

Os encontros etnográficos que tivemos neste local foram marcados pela efemeridade. Por um lado, se conhecia outras pessoas, como no caso de Citrino, Ametista, Âmbar, Malaquita, e se reforçava laços; por outro, era possível conversar com outras que não mais se encontraria, ou que jamais se conseguiria acessar. O clima de tensão e desconfiança pairava sob este lugar, principalmente quando se tratava de abrir-se a outras pessoas fazendo um trabalho institucional e pertencentes a uma instituição (como no caso do projeto Morada). Algumas pessoas que trabalhavam lá eram doces e gentis, abertas ao diálogo, já outras eram ríspidas e hostis, abstendo-se de maiores interações e apressadas a repreender quem se utilizava de seus serviços. Os conflitos entre usuários e trabalhadores também eram uma constante. Lembro de Ágata, uma mulher negra, bem humorada e de uns trinta e poucos anos que trabalhava no POP, contando que Olho-de-tigre, o jovem já mencionado anteriormente, queria fazer um *“motin”*, devido à abertura tardia do Centro. Para abrir, o POP necessita de dois guardas municipais, colocados lá via escala elaborada pela prefeitura, responsável pela sua distribuição em diferentes sedes. Naquele dia, alguém esqueceu-se de colocar o Centro POP na lista. Segundo ela, a revolta de Olho-de-tigre, que queria “protestar” junto a outros usuários da instituição, fez com que 4 viaturas da guarda municipal se dirigissem até lá.

2.3 A FESTA DE NATAL NO CENTRO POP

A equipe do projeto *Morada* foi convidada a participar da comemoração de natal da instituição e Pérola, um interlocutor que transitava entre a cidade de Rio Grande e Pelotas, branco, alto e divertido, alguém que demonstrava gostar de nossa companhia, convidou-nos para que fossemos assisti-lo tocando violão junto ao pessoal da igreja, que ofertava aulas de música e “evangelização” por lá. A festinha aconteceu um dia após a oficina de kokedamas, no dia vinte e três de Dezembro de 2016 e começou às onze da manhã.

Ocorreu a apresentação da pessoa que viria a ser o novo secretário de segurança pública da cidade, o que incomodou um pouco o pessoal que fazia uso do POP. O pessoal que trabalhava na instituição também falou sobre possíveis “melhorias” a serem feitas. Citrino veio comentar comigo sobre o novo secretário: *“Nunca vi esse cara na minha vida...vem só pra comer...vocês não, tão sempre aqui”* (mesmo com a nossa pausa de alguns meses sem ir ao POP). Também houve um

discurso (chamado de “pregação da palavra” na religião evangélica) das pessoas da igreja, que falavam sobre ter fé, mudar de vida, vencer, e de certa maneira “vencer a rua”. Muitas das pessoas em situação de rua que ali encontravam-se demonstraram certo desdém ao que estava acontecendo. Ao final, Olho-de-tigre gritou: “*Maaaais um, maaaais um!*” pedindo bis da performance em tom sarcástico. Depois de cantarem/tocarem “louvores” (música com temática de adoração à divindade), o pessoal da igreja entoou: “*Ouve o cantooo gauchesco e brasileirooo*”, e Olho-de-tigre rindo em tom de surpresa, olhou para mim e falou: “*Ué, não era só música de igreja?*”.

A separação entre os usuários do serviço e os trabalhadores junto a igreja foi notória: do lado onde ficavam os armários, a mesa, e o pátio, ficamos nós (Dani, Guilherme e eu), enquanto na sala central, ficava o pessoal da instituição. Houve um momento em que agradeceram “ao pessoal da universidade” e eu senti vergonha por aquela ênfase.

Ao meio-dia, quando colocaram os salgados e o bolo na mesa, Citrino repetiu-me mais de uma vez: “*Não te acanha visse, come! Fica a vontade*”, como se me convidasse, de fato, a participar da sua festa. A comida naquele dia era diferenciada: cachorro-quente, pastel de goiabada e brotinho, quando nos outros dias era servido arroz, feijão, massa, carreteiro, etc.

O banquete permaneceu na mesa por pouco tempo, e em cerca de vinte minutos foi retirado. Quando dirigi-me à cozinha para pegar um copo d’água, avistei as caixas dos salgados lá, ainda com os alimentos. Presumi que algumas pessoas possivelmente levariam para casa o que de regra era para a festa. O desvio de alimentos nas instituições foi citado ao longo da pesquisa, como dá-se a ver no relato de Safira, ao falar de uma pessoa que trabalhava no Albergue da cidade:

“o carinha que trabalha lá esses dias enchendo o carro de carne, eu só pra provocar perguntei “onde vai ser o churrasco?” e ele respondeu “lá em casa, amanhã” na minha cara (...) tenho vontade de gravar, botar no facebook, whatsapp... tudo que eles fazem, pra as outras pessoas verem o que acontece mesmo”. (Diário de Campo - Pelotas, 11 de Janeiro de 2017)

Depois do almoço algumas pessoas foram embora do Centro POP, lugar que ao meu ver, constitui um não-lugar (AUGÉ, 2005). O não-lugar a que Augé se refere diz respeito a um lugar de passagem, como os meios de transporte, por exemplo.

Estes não-lugares são percebidos como um lugar que nunca existe sob uma forma pura, mas sim como meio pelo qual lugares se recompõem nele. É uma espécie de passagem entre um lugar e outro, e que ao mesmo tempo tem a capacidade de criar uma identidade partilhada entre as pessoas que se utilizam deste não-lugar.

Portanto, ele é um lugar de passagem, onde a maioria dos interlocutores não costuma demorar-se. A justifica de quase todos é a mesma: estar “*na correria*”, sempre com alguma atividade para realizar, mas nunca abordando diretamente do que ela se trata. A “*correria*”, para mim, pode vir a ser várias coisas. Daniele e Guilherme foram embora, e eu decidi permanecer.

Uma das mesas da parte central foi recolhida, o que fez com que tivéssemos espaço um amplo espaço para dançar e extravasar. Neste dia em especial, foi possível ouvir música em uma caixa de som da instituição - uma seleção que incluía pagode, pop, rock, etc. Majoritariamente grandes sucessos dos anos 2000, como “Carla - LS Jack”, “Se ela dança eu danço - Mc Leozinho”, “Te levar - Charlie Brown Jr”, “A cera - O Surto”, “A fórmula mágica da paz - Racionais MC’s” entre outras.

Citrino, de óculos escuros e tomando chimarrão em um canto da sala (como habitualmente costumava fazer no POP) observava Âmbar, um menino jovem, negro de aproximadamente uns vinte anos e que demonstrava uma serenidade incrível em sua fala, ensaiando passinhos de dança comigo, com Ametista, Fluorita (o educador social) e Pérola. Dançamos e cantamos juntos. Naquele momento tudo tinha uma nitidez fantástica, aludida pela letra da música: “*Eu não preciso de muito pra sentir-me capaz de encontrar a fórmula mágica da paz (...) eu vou procurar, eu sei que vou encontrar, eu vou procurar...você não bota uma fé mas eu vou atrás*”. Conforme Ingold (2016), nós humanávamos-nos juntos.

Teve rodinha de violão e tambor cubano no banheiro, por causa da acústica. Tim Maia e Racionais MC’s, cantados por Turmalina, o menino baiano (violão e voz), Fluorita, o educador social (tambor e voz), eu (voz) e Turquesa, adolescente por volta de uns quinze anos de idade, que eu acabara de conhecer (voz). A assistente social pediu para que nós fôssemos ficar junto às outras pessoas e desocupássemos o local onde se lavavam roupas, mas antes gravou um vídeo nosso em momento de êxtase em seu celular, como quem apreciava e incentivava aquele momento.

2.4 ALGUMAS DAS ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA NO MEIO URBANO

Na ausência de um julgamento moral de minha parte entre o que seria certo e errado, bom ou mau, feio e bonito, foi possível que alguns interlocutores se abstivessem de qualquer tipo de constrangimento ao compartilharem atos cometidos por eles como furtos e assaltos. A escuta empática levava em conta outros aspectos, para além da categorização "certo e errado". Analisando de fora e de longe, tudo teria uma resposta rápida, um julgamento pré-fabricado e de fácil acesso. De perto e de dentro (MAGNANI, 2002) as questões tinham uma complexidade maior, dificultando uma compreensão imediata⁸.

Certa vez, em ida ao CENTRO POP, Amanda e eu estávamos sentadas à mesa com Citrino e Opala, este último de estatura baixa, branco, de semblante fechado na maior parte do tempo, ambos interlocutores já conhecidos, quando eles passaram a nos relatar fragmentos de suas vidas "ilegais". Os dois guardas municipais prestavam atenção em nossas conversas. Neste dia haviam sido colocados cartazes na sala central da instituição, onde constavam regras de comportamento que deveriam ser seguidas a quem se utilizasse do serviço oferecido. "Não namorar dentro do Centro POP", "Quem brigar e houver agressão física ficará banido e não poderá vir por dois dias", "Proibido jogar bituca no chão" (em toda minha estadia lá eu jamais vi um cigarro no chão, sendo que todos colocavam elas em uma espécie de chaleira velha usada como cinzeiro) e outras frases, que regulavam inclusive os *trajes* adequados para frequentar o local, estavam escritas em letras meticulosamente desenhadas nas cartolinas e papéis pardos. Não sei como informaram isto aos usuários não alfabetizados, se é que o fizeram.

Citrino, rapaz de aproximadamente uns trinta e poucos anos, branco, alto e simpático, estava conversando comigo sobre trabalho⁹. Disse-me que em São Lourenço/RS havia emprego, que ele queria ir para esta cidade trabalhar cortando e retirando a seiva das árvores. Contou-me que ia toda semana à outra cidade próxima, Rio Grande, para entregar frutas junto com uma empresa de Pelotas.

⁸ Este antropólogo, ao trabalhar no campo da Antropologia Urbana, propõe ao pesquisador que aproxime-se das dinâmicas da cidade como que se as olhasse da perspectiva de dentro de seu contexto, em contraponto a uma postura distanciada, que vê e supõe as coisas de fora, sob um olhar externo.

⁹ A prática de trabalhos informais e/ou temporários pode ser notada neste segmento: guardar carros, praticar reciclagem de materiais como garrafas PET e tampinhas e vender balas - tais atos puderam ser observados ao longo desta pesquisa.

Depois de um tempo, nos reunimos em volta da mesa, criando um “semi-círculo”. Vários assuntos começam a surgir, e, independente do nosso controle, eles acabam por tomar proporções inimagináveis (como o fazer etnográfico). Na ocasião, os rapazes comentaram sobre algumas estratégias que utilizavam para realizarem furtos e roubos que vez em quando viriam a praticar.

Ainda nesse viés, Citrino me contou, em momento mais recluso, que uma vez retornou do presídio e o largaram descalço - *“tinha um boyzinho na parada... já peguei o tênis”*. Eu, sem exotizar tal prática e em tom de brincadeira comentei: *“é, mas ele ficou descalço também!... era nikezinho?”* ele: *“Adidas... o tênis que eu sempre quis ter... tá loco, depois deu só eu de adidas por aí”*.

Estas práticas, como roubos e pequenos furtos (MAGNI, 1994, p. 54), também coexistem a alguns nômades urbanos, os quais estão, de alguma maneira, buscando encontrar recursos de subsistência em meio a cidade. Ao mesmo tempo, também foi possível perceber uma postura moral que os faz negar/repudiar tais atos. Segundo Frangella: “No reforço discursivo dessa moralidade, havia sempre um outro na rua a contrapor-se ao comportamento do falante, como um reforço das marcas distintivas do estigma do morador de rua.” (2009, p.203)

Tal afirmação era dada a ver nos relatos que os interlocutores faziam. Safira comentava certa vez ter ficado com raiva de uns meninos que teriam assaltado uma mulher no parque Dom Antônio Zattera: *“Depois ficam pensando que é a gente”*. Hematita também advertia em tom de vigilância e desconfiança referindo-se aos habitantes de rua: *“Tem que sempre se cuidar, dar uma esticadinha com os braços, olhar pra trás(...)”*.

Dando continuidade à reflexão sobre estratégias de sobrevivência deste segmento na cidade, atendo-me a Hematita, um jovem de aproximadamente vinte e cinco anos de idade, branco, com o andar lento e caminhar curvado, cabelos escuros, e sempre acompanhado por cães, os quais chamavam-se Benção e Notorious B.I.G. Conheci Hematita sentado em frente a uma agência bancária, praticando mendicância, antes de desaparecer por alguns meses - eu não o via mais na cidade. Quando o reencontrei, ao comentar sobre seu possível desaparecimento, ele afirmou: *“Ahhhh eu mudei de lugar, não dá pra pedir sempre nos mesmos, o pessoal enjoa (...) mas eu encontro muita gente boa no meu caminho, tipo tu, essa tia do crep (disse apontando a trabalhadora que iria lhe fornecer uma refeição)”*. A movimentação de Hematita denunciava a estratégia de recorrer a uma certa

circularidade para a continuidade de sua mendicância. Em outra ocasião, ao revê-lo na praça Dom Antônio Zattera, contou-me que havia ido a uma festa na noite anterior e acabara de acordar. Eu estava com Talita, também pesquisadora sobre população em situação de rua, e fomos interpeladas pelo mesmo ao pedir *“uma moedinha pra apoiar”*. Ele estava comendo bergamotas - *“Eu como três fruta por dia, isso aqui é pra abrir o dia, logo mais eu vou comer outra coisa”*. O cuidado com o corpo, mesmo que apressadamente sendo visto como pouco ou inexistente, existia, a ver pela fala de Hematita. Tal prática remeteu-me ao trabalho de Taniele Rui (2014, p. 311) com usuários de crack. A autora afirma que a ideia de que os usuários não teriam cuidado nenhum com seu corpo, mesmo fazendo o uso de uma substância química, é refutada, pois alguns faziam o uso moderado da droga, contrapondo o uso que levaria à exaustão e provocaria a condição de *“noia”*.

Nessa mesma ocasião estava acontecendo um evento cultural no parque, com apresentações musicais ao vivo, bancas para venda de comidas, plantas, etc. Meus amigos estavam lá e haviam levado uma bola de vôlei. Sentei-me sob a sombra de uma árvore, enquanto comia bolo, quando Hematita, depois de circular um pouco pelo parque que estava cheio, sentou-se ao meu lado. Partilhamos o bolo e parte do tempo. Ficamos uns cinco minutos comendo e em silêncio, observando as pessoas praticando esportes, tomando chimarrão, e se utilizando do parque. Até que o mesmo inicia um diálogo: *“Bah, tava olhando aquele guri ali e pensando ‘será que não é meu filho?’ tenho uma coisa com isso (...) tenho três registrado e dois não (...) sobrinho eu tenho quatro”*. E foi me contando o nome de cada um deles. Engrenamos numa conversa:

Hematita: “É o seguinte Estefani, eu uso droga desde os meus doze anos, pratiquei uns crimes também, morava lá em Porto Alegre (ele usou uma palavra específica para dizer que havia ido contra a lei, mas não lembrei dela nem para escrever no diário), mas eu parei, vim pra cá...mas se os cara invocar eu não deixo barato, esses dias quase matei um cachorro a pau que se botou na Benção¹⁰...tinha uns quinze “magrão” contra mim (...) logo tu vai ver, eu vou ter celular bom, até whatsapp vou ter, vou te mandar mensagem todo dia”

Eu - *“bah eu nem tenho whatsapp...”*

Hematita - *“tu não tem porque tu não quer”*

Eu - *“meu celular é ruim”*.

O *“celular bom”* remetia-me diretamente ao par de tênis *Adidas* relatado por Citrino. Ainda sentados comendo bolo, ele me falou: *“Eu vivo pela fé... consigo as*

¹⁰ Cachorrinha de estimação de Hematita.

coisas pela fé, sei me comunicar, falar (...) eu gosto é de entrar na mente das pessoas”.

Outra vez, à noite, tomei um ônibus de volta para a casa. Quando o veículo estava prestes a arrancar, o companheiro de uma interlocutora pediu ao motorista se podia subir, alegando que ele tinha família e estava com o documento de identidade em mãos. Pediu um minuto da atenção das pessoas (que se encontravam tensas, presumindo ocorrer um assalto, visto que nunca acontecia tal situação no ônibus), e segurando uma vasilha branca em mãos, falou: *“Tá vendo isso aqui? É coquetel pra HIV, minha mulher tá ali fora, grávida, tendo que tomar”*. Eu já conhecid Alexandrita, homem branco, de aparentemente uns trinta, cabelos curtos, olhos claros, e já havia cruzado com ele e Cristal. Logo quando Alexandrita me viu, em meio aos passageiros, eu sorri. *“Aquele anjo ali sorriu porque me conhece, levanta a mão pro pessoal ver”*. Eu levantei. O fato de uma das pessoas já o conhecerem (no caso eu) poderia gerar confiança nas outras pessoas, o que poderia contribuir com a estratégia de pedir dinheiro. A aparência de Alexandrita remetia-me ao relato de Safira, quem me disse que Alexandrita estava fazendo uso de crack. A magreza excessiva e os ossos do rosto saliente era um indicativo da ingestão dessa substância. Ele pediu para que novamente eu erguesse uma de minhas mãos sinalizando que o conhecia. Alexandrita passara pelo corredor para recolher notas e moedas que os outros passageiros doavam. Quando passou por mim não pediu nada.

Estes episódios me fizeram pensar que um discurso bem articulado e convincente constitui uma das estratégias de sobrevivência na cidade, contribuindo para que se consiga obter alguma coisa através da comunicação interpessoal.

2.5 AS PERCEPÇÕES CORPORAIS E INTERAÇÕES DOS HABITANTES DA RUA

A vida nas ruas associa-se, na maioria das vezes, a um tipo de sofrimento. A repressão sofrida por essa população, seja ela de ordem física, como a destruição e expurgação dos locais onde habitam na cidade - como colchões, papelões e outros objetos que utilizam no espaço público - também existe de maneira simbólica, que

se reflete na maneira que são vistos (quase sempre pelo viés da falta e estigma) e em como costumam ser tratados pela sociedade em geral.

A corporalidade produzida pela estadia nas ruas e pela falta de recursos para garantir sua subsistência é notável neste segmento, assim como as marcas físicas do sofrimento gerado por suas internações e usos de substâncias químicas como álcool e crack. De uma maneira mais ampla, algumas características corporais podem ser identificadas nesta população, como por exemplo marcas nos dentes frontais (em decorrência do uso de crack) ou certa ausência dos mesmos. Simone Frangella (2009) ressalta que as marcas corpóreas dependerão do grau de despojamento do habitante de rua para com seu próprio corpo e de seu afastamento de locais próprios para cuidado.

O corpo, de certa maneira, é aquilo que fica quando perdemos os outros, é o traço mais tangível do sujeito, a partir do qual se distendem a trama simbólica e os liames que o vinculam aos membros de sua comunidade (LE BRETON, 2003, p.187)

Em mais uma das tardes de extensão (dia cinza e frio, tarde de Outubro), estávamos no Centro POP conversando com o pessoal quando o educador social nos disse que Ônix acabara de chegar. Aproximei-me e demorei a reconhecê-lo. A única coisa que conseguiu falar de maneira a ser facilmente entendida (pois estava “grogue” dos remédios) foi: *“Cheguei do espírita agorinha”*, segurando uma sacola plástica, naquele momento era tudo que ele tinha além das roupas do corpo. O cabelo comprido e escuro havia imperado ao que antes era curto. Em seu rosto, agora só restava o bigode, já não possuía a barba também grisalha que o acompanhava. A cor da pele avermelhada, o semblante marcado, a voz devagar. O corpo cheio de remédios, seu corpo impregnado pelo Estado, que se fazia excessivamente presente através de uma instituição total como o hospital psiquiátrico - a força e o controle podiam ser facilmente identificadas pela corporalidade produzida em Ônix. Ele relatou-me:

Eu catava os toco de cigarro pra fumar (...) Aquilo lá é pior do que prisão...será que não tinha como vocês irem lá ver? Tinha até um grupo de estudante lá, todos de branco (...) cheguem lá e falem ‘quero conhecer’ (...) Não tem mesmo como vocês ir lá conhecer?.

Diamante, que também estava no POP naquele momento, disse a Ônix: “*Tem que queimar essas roupas, arranjar outras*”, referindo-se aos números na camiseta e calça de Ônix, marcadores de sua internação. A identificação pelas vestes representava algo do qual era necessário expurgar, livrar-se.

As mudanças corporais eram vistas e percebidas não apenas por quem as identificava em outra pessoa, mas também em quem as sofria e via outros/as sofrerem-nas. Ônix., em outra ocasião, comentava assustado o estado em que se encontrava Jade, pois esta voltava a fazer uso de crack: “*Te lembra que ela tinha uma barriguinha, né? agora ela secou, tá com o rosto pra dentro por causa da droga, eu quero ajudar ela mas não dá*”.

Certa vez, ao rever Alexandrita, (um homem que já era magro) espantei-me com sua magreza excessiva e rosto - a saliência dos ossos faciais era explícita. Lembrei de Safira, que já havia me comentado sobre a situação dele: “*eu achando que ele ia largar da pedra quando viesse pra cá... tu viu como ele tá magro?*”

Em outra ocasião, também presenciei um dos piores momentos de campo: Jaspe, em momento de *fissura*, ou seja, em abstinência. Os momentos de silêncio em um dos bancos da praça eram tensos, a somarem-se com a inquietação deste interlocutor: um homem branco de olhos claros, alto e forte, que havia trabalhado como tatuador em Santa Catarina e acabara gastando tudo com drogas sintéticas (ecstasy, lsd) e outras. Ele tremia as pernas, tremia os braços, assoviava, olhava para o horizonte, suspirava e não conseguia concentrar-se em nada. A tensão redobrava pois Ônix também vivenciava algo similar naquele momento. Ambos olhavam ao horizonte, quando alguém assinalava do outro lado da praça, e ambos corriam até um homem que lhes oferecia um *beck*¹¹, acendendo ali mesmo. Jaspe havia contado que havia saído de uma clínica para dependentes havia três meses:

Até o meu coroa tinha me ligado e eu vendi o celular, fiquei só com o chip...depois de 8 anos ele tinha me achado (...) ainda bem que eu fiquei só com o chip (...) saí da clínica, na outra eu tinha ficado 1 ano e 3 meses, e fui tomar uma cerveja...na terceira eu já tava bem louco”. (Diário de campo, Pelotas, 5 de Maio de 2017)

Em seus trinta anos de parque, Ônix também disse em outra ocasião certa vez a respeito de parte das dinâmicas que ocorrem na D.A.Z: “*a burguesia de*

¹¹ cigarro de maconha

Pelotas paga até trinta reais num cachimbo (...) fim de semana, quando chegam aqui pra fumar pedra”. Alguns deles confeccionavam esse tipo de cachimbo, feito de tampinha de garrafas PET e cabo de alumínio cortado.

Outra das internações presenciadas entre nós, foi a de Água Marinha e Diamante, que anunciaram-nos esta decisão. Os dois iriam juntos para a UAA (Unidade de Acolhimento). Água Marinha era um jovem branco, de olhos verdes, cerca de vinte e dois anos, vindo da cidade de Rio Grande para cá, com um histórico complicado em relação a família consanguínea - sua mãe havia morrido, o pai dele o expulsara de casa e o mesmo fazia uso de substâncias como o crack. Diamante regulava de idade com Água Marinha, rapaz negro, que nada falava em relação a si próprio e no que dizia respeito à família e estadia na rua, também não comentou coisa alguma aos meus colegas de campo.

Era uma tarde de segunda-feira, dia vinte e nove de Agosto de 2016, chovia, e eu, Dani e Guilherme havíamos nos dirigido ao Centro POP, por volta das 14:hrs, este se encontrava cheio - pessoas conhecidas e desconhecidas por nós. Um cãozinho deitado na porta, aguardando seu/sua dono/a: era a Sininha, mascote da Cristal. Cumprimenta-mos, conversamos e possivelmente, atrapalhamos. Vi Diamante, sorrimos, nos cumprimentamos e logo disse: *“Bah, eu vou me internar (...) só aqui não eras... quero ir pra lá e depois arranjar um emprego”*. No diário de campo:

(...) Água Marinha nos diz que vai se internar também, e pede pra gente roupas e visita. Eles não podem sair do lugar acho que por 6 meses, tem todo um acompanhamento de desintoxicação. “Do que tu precisa?” – A: “Jaqueta, calça...” e pediu material de higiene também. Dani e eu ficamos de levar roupas na sexta-feira, porque os guris iam fazer os trâmites da internação acho que semana que vem. Diamante falou “eu também quero receber visita. (Diário de Campo, Pelotas. 29 de Agosto de 2016)

Daniele e eu fomos visitar Água Marinha e Diamante na UAA com os itens que Água Marinha havia peço (produtos de higiene e roupas), assim como fomos até o Hospital Espírita levar a Jade e Ônix fotografias que Daniele havia feito deles antes da internação. No UAA (localizado na Rua Dom Pedro II), dia dois de Setembro de 2016, chegamos por volta do meio dia, conseguimos ver os guris pela porta junto a enfermeira responsável, que havia nos convidado a entrar e participar de uma reunião do local, mas que não foi possível pois estávamos com pressa. Água

Marinha demonstrou certo espanto ao nos rever: “*Bah gurias, achei que vocês nem viriam*”.

Nossa ida ao Hospital Espírita (na Av. Domingos de Almeida) aconteceu próxima a esta visita a UAA, Dani e eu fomos até lá, mas a pessoa que estava na recepção da instituição nos informou que eles não poderiam entregar as fotografias - retornamos com elas.

Estas seriam mais duas instituições as quais alguns de meus interlocutores estariam passando, propensos a passar, ou já as teriam enfrentado - a UAA (Unidade de Acolhimento Adulto), que havia sido criada naquele mesmo ano na cidade de Pelotas, ligada pela Rede de Atenção Psicossocial da Secretaria de Saúde (SMS) e que garantiria tratamento decorrente do uso de álcool e drogas, vulnerabilidade social e vínculos fragilizados desenvolvido pela equipe do Centro de Atendimento Psicossocial Álcool e Drogas - e o Hospital Espírita de Pelotas, fundado em 1948, e que “é conhecido e especializado em saúde mental, proporcionando atenção integral aos pacientes que apresentam sofrimento psíquico, depressão, ansiedade, psicose, agitação psico-motora, alcoolismo, dependência de drogas e outros transtornos mentais.”¹²

Passar por estas instituições viria a produzir não só uma corporeidade própria (como emagrecimento excessivo, corte de cabelos, mudança na coloração da pele) mas também marcas de sofrimento psíquico e mental, que eram constantemente relatadas por algumas pessoas. Jade já havia se internado no Hospital Espírita antes da ida junto a Ônix, e contara-nos da hostilidade com que alguns profissionais a tratavam, forçando-a a ingerir remédios, revidando suas provocações e fazendo determinado abuso de poder que a condição de enfermeiro/médico lhe impunha. Também contou do quão desesperador era ficar presa lá, já que no primeiro mês de internação não se pode receber visitas, vivendo sob regime fechado. As pessoas acabavam fugindo e pulando o muro que fica na parte de trás do *Espírita*, em movimento de fuga. Lembro de outra conversa no Centro POP, em que dois gurus comentavam em como haviam feito suas fugas e da solidão sentida na internação. Um deles dizia “Eu fiquei três meses lá e ninguém foi me visitar...dia de visita lá e ninguém pra te ver” enquanto olhava para o chão, absorto em seus sentimentos, o restante da sala que contava com poucas pessoas ficou em silêncio, como se

¹²<http://www.lep.org.br/index.php/filiadas/23-casas/casas-filiadas/250-hospital-espirita-de-pelotas71>

compactuasse com a tristeza sentida por ele. Nácar, um menino jovem de uns vinte anos, olhos verdes, tatuado, também contou gesticulando com as mãos como alguns enfermeiros retiravam pacientes que tinham transtornos mentais do local em que ficavam junto a pessoas que tratavam-e de problemas como alcoolismo e dependência química:

“eles misturam quem é doente mental com quem é viciado em álcool ou em drogas (...) e tem um pessoal do presídio que vai pra lá também” “Vou contar uma rapidinho pra vocês antes de irem embora...quando eu fiquei lá uma vez tinha um homem pelado no lugar que eu dormia, doente mental mesmo, aí eu pedi pros enfermeiros que buscassem ele porque ele tava me incomodando.....o cara chegou assim ó (fez gesto com as mãos) e pegou ele que nem um cachorro” (Diário de Campo, Pelotas, 5 de Outubro de 2016)

Nunca mais encontrei Água Marinha, mas reencontrei Diamante, e relato este reencontro no subcapítulo em que trato sobre os não ditos da pesquisa.

Em um dado momento, tive contato mais próximo com os interlocutores Quartzo e Lápis-lázuli quando fui a campo com o colega Vinicius (que havia recém defendido sua dissertação em Antropologia no PPGA da UFPel), em ida a campo neste parque. Neste dia me foi possível aproximar-me de Lápis-lázuli, que pouco ou nada interagiu conosco, e que também me gerava confusão pois o mesmo tem um irmão parecidíssimo com ele, o que me fez confundi-lo sem querer algumas vezes em campo. Ele é homem, branco, olhos claros, e deve ter uns trinta anos de idade, tímido e contido, assim como Quartzo que é um homem também de idade aproximada à Lápis-lázuli, negro, um pouco mais baixo, e de poucas palavras. Ambos, neste dia, conversaram mais comigo e com Vinicius.

Vinicius e eu nos dirigimos até o Centro POP no dia 14 de Setembro de 2016, este que já se encontrava fechado quando chegamos lá, por motivos de reunião interna dos seus trabalhadores. Decidimos então ir até o parque, e ao chegarmos lá, vimos que não contava com ninguém no local que era habitualmente utilizado - as pessoas em situação de rua que eu conhecia não estavam lá. Permanecemos por ali um tempo, disponíveis para um possível contato, ficamos então observando e aguardando. Passado isso, Lápis-lázuli e Quartzo passaram por trás de nós, em direção aos brinquedos do parque de diversões. Passado mais um tempo, fomos conversar com eles - eu comecei por perguntar de Ônix e Jade, a fim de saber

notícias dos dois, assim como Água Marinha e Diamante, outros interlocutores que também haviam internado-se na mesma época que eles, mas na Unidade de Acolhimento Adulto (UAA). Quartzo, que ouvia música pelo celular sentado no carrossel e Lápis-lázuli, que estava de pé no momento em que nos aproximamos, perguntaram quem nós éramos, expliquei que fazíamos parte do projeto que íamos sempre à praça conversar com “o pessoal”. Lápis-lázuli nos convidou para sentar em outro local da praça, localizado próximo aos bancos principais, para que pudéssemos conversar melhor. Fomos. Ao sentarmos, vim a comentar com Quartzo que depois da internação de Ônix, me parecia que o pessoal havia dispersado, o qual respondeu: *“É, tu vê essa praça cheia quando o Ônix tá aí...ou é nesse banco ou é naquele outro...ele é uma pessoa a-do-rá-vel (pronunciando lentamente a palavra adorável)”*. Estes interlocutores utilizavam o carrossel como local para dormir. Quando indagados sobre o frio que implicaria dormir nesse local durante o inverno (estação que vigorava enquanto eu fazia esse trabalho de campo), o qual é constituído de alumínio e/ou aço, materiais extremamente frios, respondiam: *“Frio nada. É só colocar muita cobertura por cima e já era!”*.

Próxima ao parque infantil, existe uma espécie de pia com água e sabonete, as quais utilizavam para lavarem suas roupas. Neste dia, Lápis-lázuli lavou-as e as estendeu na grade de arames que cercam a quadra de futebol, ao lado dos brinquedos, enquanto Vinicius e eu conversávamos com Quartzo, que nos contava sobre a *“tia”* do programa Redução de Danos, contando-nos que havia levado ele Ônix a um congresso (Mental Tchê) sobre saúde mental em São Lourenço/RS certa vez, em como era sua vida na rua - o qual falava ser melhor do que viver na casa dos *“parentes”*, já que esta lhe possibilitava maior liberdade, e também sobre sua relação com dependência química. Ambos já tinha os pais falecidos. Enquanto olhava Lápis-lázuli estender as roupas, Quartzo comentava: *“e ainda tem gente que acha que morador de rua é sujo...”*. Próximo do local que estávamos, existe uma churrasqueira, a qual não só eles utilizam-a, mas também outras pessoas em situação de rua que vivem no parque.

Após o serviço com as roupas, Lápis-lázuli aproximou-se de nós, perguntou sobre Daniele, relatei que a mesma estava doente e ele mandou “melhoras” a ela. Em meio a conversas e silêncios, perguntou se eu e Vinicius gostávamos de Zeca Pagodinho (cantor brasileiro de pagode). Respondemos que sim, o que fez com que o mesmo cantasse em tom de voz alto, com grande fôlego: *“Deixa a vida me levar,*

vida levaaaaaaaaaaaaa euu, deixa a vida me levarr, vida leva eu"- todos cantamos juntos. Os dois interlocutores bebericavam cachaça em uma garrafinha de refrigerante (200ml) enquanto conversavam conosco, o que foi fazendo com que se embriagassem e tornassem-se cada vez mais emotivos. Poucas pessoas circulavam no parque neste dia, pois o tempo estava instável, ora chovendo, ora com céu aberto. Quartzo comentou, fazendo alusão a uma expressão de brincadeiras infantis¹³ que *"Alguma viúva deveria estar se casando"*. Percebi que estavam sentindo-se à vontade com a nossa presença... De repente Lápis-lázuli tirou do bolso um pacote de chicletes contendo apenas duas últimas unidades, as quais ofereceu para mim e Vinicius. Ele compartilhara o que tinha em mãos para compartilhar - fez questão que aceitássemos.

Ao longo de nossa conversa Quartzo colocou música a tocar via celular. Lápis-lázuli, que estava com um saco cheio de tampinhas de garrafas PET, perguntou para mim e Vinicius o que achávamos que era. Não soubemos o que responder, até que ele respondeu: *"Pra fazer cachimbo..... tô brincando, eu to juntando pra dar pruma senhora que quer comprar uma cadeira de rodas (...) ela é tipo uma madrinha pra mim, me dá 300 reais por mês pra comprar comida"*. A reciclagem de determinados materiais é realizada por este segmento, que, se utilizando do que a sociedade sedentária rejeita e considera sem utilidade, passa a lhe dar outro destino.

Mesmo tratando alguns interlocutores da Dom Antonio Zattera enquanto grupo, é evidente que este não é coeso, pois existem diferenciações feitas entre estas pessoas com elas mesmas, que se deram a ver em diálogos comigo e com outros integrantes do projeto. Berito, um senhor de cabelos brancos, magro, estatura baixa e de poucas expressões faciais (era difícil definir o que este sentida por meio de seu semblante), disse a mim e Guilherme, certa vez em campo, que *"Eles são de rua (...) eu não, não uso droga (...) Tem um aí que eu me dou muito bem ... tá a tantos anos na rua, é o mais velho da turma, mas usa droga (...) ele faz mal pra ele mesmo"* referindo-se a outras pessoas que compunham a "turma" do parque.

Hematita, outro interlocutor, também me falou certa vez quando perguntei a respeito de outras pessoas em situação de rua que transitavam/ficavam no parque,

¹³ "Sol e chuva: casamento de viúva."

se ele sabia notícias delas naquele dia. Respondeu-me: “(...) *eles não são do meu clã. Ficam a tarde inteira tomando cachaça, esperando as coisas, eu vou atrás*”.

Existe portanto uma problemática ao se tratar os habitantes de rua pensando em uma coesão que possivelmente a condição impusesse - embora existam relações de parentesco, solidariedade e proximidade entre estes sujeitos ao viverem sob intempéries similares, há também marcadores das diferenças, como uso de drogas e álcool, o que compõe algumas dessas diferenciações. Simone Frangella (2009, p.62), evidencia essa diferenciação: “Mesmo os habitantes urbanos que compartilham o espaço da rua e têm o corpo como codificador central de suas práticas de sobrevivência e de suas relações sociais marcam uma diferença com os moradores de rua.”

Ainda levando em conta as considerações da autora, a mesma afirma que, no mundo da rua, o fato de cuidar-se mais que o outro e/ou estar mais limpo que ele acabam evidenciando diferenças nas formas de estar nela (FRANGELLA, 2009, p.245).

Foi nos bancos do parque, sentados juntos, que várias coisas foram revelando-se a nós. No parque tinha-se maior liberdade para conversar e compartilhar coisas do que no Centro pop.

CAPÍTULO 3

3.0AS OFICINAS ENQUANTO RESTITUIÇÃO DA PESQUISA

Pensando no fazer etnográfico como uma ação, algo feito conjuntamente com o outro e não de si para o outro (INGOLD, 2016), as oficinas de encerramento do Projeto de Extensão *Morada sob as Estrelas: carregar só o que vale a pena*, apresentado na parte inicial deste relato etnográfico, configuram-se em exemplos de aprendizado compartilhado e busca de fazer coletivo, de modo a não reforçar a assimetria própria das relações de pesquisa. Essas oficinas foram pensadas para e com os interlocutores e constituem uma das formas restituição do Projeto, realizada durante o trabalho de campo, conforme já explicado anteriormente.

A Oficina de Mandalas de Lã, por exemplo, surgiu a partir de um interlocutor que fazia filtro de sonhos e outro que se interessava por este tipo de atividade. Comentei com eles que uma amiga fazia mandalas. Propus a ideia, mas como tudo neste campo tem um toque de mutabilidade, este interlocutor se encontrava em outra condição após as semanas que antecederam a realização da oficina. Tal condição também só me foi dada a conhecer meses depois, pelo próprio. E o outro não estava na cidade no dia em que a realizamos.

Para os habitantes da rua, o tempo parece transcorrer de maneira distinta do que para a maioria dos demais cidadãos. Por este fato a aplicação de ações pré estabelecidas não se aplica de maneira eficaz, visto que inúmeros imprevistos acabam por surgir até a realização das atividades. A efemeridade permeia este segmento.

A escolha por atividades lúdicas foi responsável por trazer mais leveza ao convívio com essa população. Elas foram realizadas nas idas a campo e surtiram efeitos terapêuticos para todos os envolvidos. A atenção na atividade desenvolvida, como na Oficina de Kokedamas, por exemplo, era um fator essencial para que os vasos ficassem prontos e feitos de maneira correta - a quantidade maior ou menor de cada "ingrediente" poderia comprometer o resultado final.

3.1 OFICINA DE KOKEDAMAS













No dia 21 de Dezembro de 2016 ocorreu a primeira oficina de encerramento do projeto Morada sob as Estrelas. Dalva Lopes, participante do grupo Mini-Jardim, foi a responsável por nos ensinar como executar a feitura da técnica japonesa que transformava argila, barro e musgo em vasos para plantas. Esta oficina foi pensada, levando em conta seu caráter “prático” e possível de restituição aos interlocutores. Daniele foi quem teve a ideia e contactou Dalva.

Fomos até o Centro POP, e nesse dia conheci uma mulher, Ametista, (usava uma pulseira com pingente de yin-yang), loira, de aproximadamente uns trinta e cinco anos de idade, a qual nunca mais vi, pois foi embora. Contou-me sobre o envolvimento do seu pai na Maçonaria, parte de sua história de vida, como a Fraternidade Maçônica, que é um dos pontos de Pelotas que oferece alimentação, roupas, corte de cabelo e unhas para quem a procura. “*Suco à vontade*”, repetia ela.

Neste dia eu estava com Dani e Guilherme. Esta oficina teve adesão de vários interlocutores. Dirigimo-nos então a uma das extremidades do Parque D. Antônio Zattera, o lado da rua Andrade Neves. Dalva trouxe mudas, terra, argila, fungo, linhas. Enquanto nos concentrávamos pensando qual linha colorida revestiria nossa kokedama, se a planta seria *Espada-de-São-Jorge* ou do tipo suculenta, se era para adicionar uma maior quantidade de barro argila na mistura, pouca coisa além daquela ação importava. Rimos. Conversamos sobre o que era comum no momento: aquela ação foi o fio condutor de uma experiência coletiva, que nos colocava em pé de igualdade, estando todos na condição de aprendizes.

Nesta oficina, eu pude notar em maior concretude o peso da efemeridade que compõe o viver nômade. Enquanto Citrino, um interlocutor de aproximadamente trinta anos de idade, alto, magro, cabelos curtos, de humor aguçado e ao mesmo tempo que com uma certa timidez (o qual sempre tive uma apreciação e afinidade maior) observava nossa oficina do banco de sua *bike*, na rua, quase ao nosso lado, ele simplesmente foi embora. Depois de uns cinco minutos nos vendo, ele se foi. Sem dizer “tchau”, sem dizer adeus. Ao final da oficina, Turmalina, um menino negro de uns vinte e cinco anos, de olhar levemente tímido, nem alto nem baixo e Berito um senhor de já uns setenta de idade, cabelos levemente compridos e de temperamento mais contido, estavam um pouco mais distantes. Berito, quase ao final do encontro, sem dizer uma palavra, simplesmente deu as costas e se foi. A lógica dos encontros era outra. Em outras idas a campo experienciei o mesmo fato.

As pessoas chegavam, assim como iam embora, sem se ater a saudações e despedidas. Certa fluidez nos relacionamentos era nítida.

3.2 OFICINA MANDALAS DE LÃ



A Oficina de Mandalas de Lã foi realizada no dia 27 de Janeiro de 2017, em uma quarta-feira ensolarada e quente. Foi pensada a partir de uma conversa com Safira, interlocutor já aqui citado que já havia mostrado seus artesanatos feitos com linhas - ele confeccionava apanhador de sonhos. Na ocasião, comentei de uma amiga que também trabalhava com linhas e fazia artesanato e ele demonstrou interesse, foi daí que se pensou em uma oficina de Mandalas. A ministrante, como anunciado inicialmente, foi Vitoria de Lima, amiga e colega do curso de Antropologia. Nos encontramos no horário previamente marcado, depois encontramos Amanda e Guilherme no Centro POP. Vitoria havia levado outras mandalas para mostrar seu trabalho a quem se interessasse.

Uma espécie de constrangimento me assolava, pois nunca sabia ao certo como os interlocutores poderiam reagir mediante as coisas que propunha, ao mesmo tempo que existia uma demanda, havia sempre a possibilidade das coisas não se concretizarem. Tudo acontecia sob uma certa instabilidade, que, ao meu ver, é própria da condição de quem vive nas ruas. Decidimos ir até a praça, avistamos Ônix e Jade, assim como Jaspe. Depois de um tempo fomos cumprimentá-los. Avistei um saco plástico preto sendo passado para um deles. Vi outro colocando o embrulho dentro do tênis e se locomovendo até a Avenida. Seria este o motivo da estranheza e afastamento das pessoas? Possivelmente sim. Fomos para outra parte do parque, deixando os interlocutores com eles mesmos, pois sentimo-nos indesejáveis. Enquanto esparramáva-mos os novelos de lã de tons pastéis e quentes que haviam sido comprados com a maior paixão na semana que antecedia esta atividade, percebia Olho-de-tigre indo e voltando com copos grandes de cerveja até o banco em que seus companheiros estavam. Uma, duas, três vezes. Surgiu então uma frustração por propor e criar as condições necessárias para que existisse a oficina (esta, demandada pelos interlocutores) e ter de realizá-la sem eles.

Enquanto alternávamos os movimentos do fio de lã no palito de churrasco, num vai-e-vem capaz de dar nó no cérebro de quem nunca havia feito tal atividade, um rapaz “*novo*” (que eu nem o grupo havíamos visto antes) de uns trinta e poucos anos, negro, alto, se dirigiu ao nosso círculo, depois de muito rodeio e observação por sua parte.

Vocês vão fazer isso de novo semana que vem? “não sei, mas chega aí”. Ele sentou. Disse que vinha de Pinheiro Machado, que tava junto

com um amigo. Que eles tavam “meio assim de chegar”. eu “mas a gente não morde, não tem problema”. Ele começou a fazer uma mandala amarela. (...) ele perguntou se a gente tava fazendo terapia ou juntando dinheiro pra formatura. Ninguém soube o que responder por um momento, visto o choque que levamos pois não se tratava de nenhuma das duas opções. Contamos sobre o projeto de extensão para ele, que continuou conosco fazendo mandalas.(Diário de Campo, Pelotas, 27 de Janeiro de 2017)

A efemeridade deste encontro foi tamanha que nunca mais revimos este homem, e acabamos por deixar um novelo de lã com ele, pois iria se dirigir até o albergue para pernoitar naquele mesmo dia. O novelo de lã deixado me faz pensar nas trocas das relações humanas, a pensar na “dádiva” a qual Marcel Mauss (2003) se referiu em “Ensaio sobre a dádiva”: as obrigações de dar, receber, retribuir. Existe uma narrativa de origem chinesa de que todos estão ligados por uma linha vermelha invisível aos olhos físicos. E que é impossível arrebatá-la.

3.3 DAS DIVERSAS FORMAS DE RESTITUIÇÃO DA PESQUISA ETNOGRÁFICA

Para além das oficinas propostas no contexto do projeto *Moradas*, a restituição da pesquisa também aconteceu a partir das demandas possíveis de cada interlocutor para conosco. Houve fotografias tiradas e reveladas devolvidas à eles. Houve uma exposição fotográfica na cidade de Pelotas chamada “Bravas Mulheres” (organizada pela professora Loredana Ribeiro, adjunta do curso de Antropologia/Arqueologia - UFPel) na qual Daniele fotografou uma interlocutora que tínhamos contato. Quisemos entregar o convite da exposição em que estava a fotografia de Granada, uma mulher negra, baixa, de aproximadamente uns trinta e poucos anos, que também habitava próximo ao parque de diversões da praça quando a conhecemos - seu colchão e cobertor por vezes fica lá, próximo a quadra de futebol. Para isso, fomos a campo, especificamente à praça Dom Antônio Zattera, onde não a encontramos. Nessa ocasião estávamos apenas eu e Daniele. Os outros interlocutores, majoritariamente homens, não queriam nos levar até onde Granada estava morando, um local próximo à praça, conhecido como “O estradão”. Segundo os interlocutores, a “cracolândia pelotense” figurava um cenário de horror no turno da noite - jovens e adultos ao chão, fazendo o consumo de crack.

No Centro POP, sentei-me a mesa junto a Olho-de-tigre, um jovem de aparentemente uns vinte e dois anos de idade, branco, de bigode, e que pouco interagia conosco - o que me despertava mais curiosidade quanto a sua identidade. Mostrei-lhe as fotografias que Daniele havia tirado de alguns interlocutores, como Ônix, Jade e Rubi. Após visualizar uma por uma, pedi-lhe que nos levasse onde Granada estava, e ele, num tom de jocosidade, respondeu-me: *“Eu sou um morador de rua muito ocupado!”* enquanto pegava sua escova de dentes e creme dental de dentro da mochila xadrez vermelha. Neste dia, retornamos ao parque ainda com a ideia de contarmos Granada. O grupo em situação de rua que estava sentado em um dos bancos da praça não fez questão de ir conosco até a interlocutora, a exceção de Lápis-lázuli: *“Pra dizer que eu não faço nada, eu levo vocês”*. Caminhamos juntos até esse local, Daniele, Lápis-lázuli e eu. Na ida ele nos falava sobre as dificuldades que enfrentava, sobre onde estava trabalhando e em que local estava pernoitando. A experiência foi tão pesada que não registrei em diário de campo sua fala, mas uma das frases que não esqueço até o presente momento é: *“Ter filho pra quê? pra botar mais um no mundo e sofrer como eu?”*.

O contato com Granada foi um pouco desestimulante. Entregamos o convite, na esperança de que ela fosse até a exposição ver sua fotografia, colocada ao posto de “mulher de garra”, que luta pela sua sobrevivência, ao lado de outras mulheres pelotenses. Daniele e eu ficaríamos de ir encontrá-la novamente para chegarmos juntas à exposição, o que não aconteceu. Ao nos despedirmos, fomos interpeladas pelo seu marido, irmão do interlocutor que estava conosco. *“Vocês vão me dar uma casa? Um emprego? Essas coisa de exposição, nós não queremos”*. Não lembro ao certo o que respondemos, mas certamente foi algo relacionado ao fato de que coisas como esta não estavam ao nosso alcance. Já havíamos levado roupas, sapatos e materiais de higiene para Granada, que havia nos pedido.

Outro interlocutor, Amazonita, de aparentemente uns cinquenta anos, alto, magro, e com parte de um de seus braços amputado, o qual fazia barquinhos de palito de picolé e barbante, nos pediu as fotografias que tiramos em campo para que ajudasse a divulgar o seu trabalho como artesão. Este interlocutor acabou solicitando as fotografias duas vezes, na última, ele me pediu quando eu estava no Mercado Público de Pelotas, pós encerramento do projeto. Marquei a devolução para a próxima semana, realizei a entrega - este fator acabou por nos aproximar um

pouco mais, de modo que passamos a nos ver mais na rua e conversar sobre fatos cotidianos vez em quando. Encontrei-o outras vezes, nas quais se encontrava embriagado e excessivamente emotivo. Passei por uma situação constrangedora certa vez em que o vi por acaso próximo a minha parada de ônibus. Ele estava com sua ex mulher (que até então não era de meu conhecimento) e com outro senhor. Aproximei deles, cumprimentei-os e os convidei para uma sessão de cinema gratuita no Cine UFPel, sobre a temática indígena no Brasil. O clima era de tensão e conflito entre eles. Saí do local em seguida.

Também apresentamos o LEPPAIS (Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som) à Malaquita, um interlocutor de trinta e poucos anos, branco, que escrevia poesias. Passamos uma tarde juntos, Malaquita, Daniele, Guilherme e eu. Seus escritos falam sobre suas dores e amores, sobre ser *“peregrino”* na vida. Malaquita nos presenteou com um caderno de suas poesias. Este encontro aconteceu de maneira dialógica, pois Malaquita tinha interesse de conhecer a universidade e nós, pertencentes ao projeto queríamos convidá-lo a conhecer este espaço.

3.4 SOBRE AS DIFICULDADES EM CAMPO

Durante o trabalho de campo foram várias as situações que fizeram com que eu me culpasse e questionasse - afinal de contas, o que eu estava fazendo no meio das pessoas? Em que sentido minha presença poderia ser relevante na vida delas? O que eu poderia oferecer/retornar? As angústias foram várias, até o dia em que fui a campo sozinha. Um novo universo abriu-se naquele instante.

Nessa ocasião, Ônix, um senhor de cabelos grisalhos, alto e magro, considerado o “tio” e o mais velho da turma da praça, havia passado mal no dia anterior, então todos estavam aflitos pelo o que viesse a acontecer com Ônix. Ao mesmo tempo, em uma relação de tom de jocoso, alguns imitavam como ele se encontrava fisicamente quando a SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência) foi acionada - retorciam-se - *“O Ônix ontem, bem assim”*. Ele teve uma baixa de pressão, em decorrência do uso de crack e álcool. *“Os enfermeiro vieram com uma agulha destamanho (e mostrou com as mãos o diâmetro), eu falei que não iam achar minha veia...por mais um pouco eu tinha morrido eles falaram, não sei como não fui”*. *“É que ainda tens muita coisa pra viver”* respondi, e ele sorriu. Contou

sobre voltar a fazer uso de substâncias químicas, de sua internação na Unidade de Acolhimento Adulto (UUA) e de sua saída. *“Eu voltei pro crack, ontem gastei 140 pila... fiquei lá uns seis dias. Os enfermeiro gostavam de mim porque eu lavava a louça e deixava tudo arrumadinho... mas eu fui embora, não aguentei (...) aí ontem passei mal”*.

Durante a maior parte do tempo em que eu estava em campo, alguém do grupo vinha e perguntava: *“Tu tá bem Ônix? Tá te sentindo bem? Onde que tu vai?!”* (ao notar o menor movimento feito por ele), *“Em lugar nenhum!”* disse, rindo; e eu e Safira rimos junto ao perceber o cuidado com que este senhor era tratado por quem compartilhava uma situação parecida - não somente viver na ruas, mas também fazer uso de instituições de assistência social e vivenciar impasses que envolvem a dependência química. Ao comentar com Ônix sobre as mudanças que haviam ocorrido no Centro POP, me disse:

Tem gente que parece que tá ali só pelo dinheiro... não quer lidar com o morador de rua, não é como tu, como o pessoal, que já chega com um sorriso no rosto... tu tem o dom pra isso aí...você trazem alegria pra gente... às vezes eu to rindo aqui com o pessoal, mas por dentro eu tô triste” (Diário de Campo, Pelotas, 19 de Abril de 2017)

Acredito que ir a campo sozinha fez com que uma relação de maior confiança fosse estabelecida, ainda que eu tenha ido sem o grupo poucas vezes. Neste dia, descobri que um dos rapazes, Safira, o mesmo por quem eu havia pensado na oficina das mandalas, teria cinco intimações pois havia praticado homicídio policial. Disse-me de maneira espontânea, no contexto de estarmos sentados no chão tomando sol: eu, ele, Ônix, e mais dois homens que eu acabara de conhecer. Um dos rapazes comentou que se tivéssemos em São Paulo já teríamos tomado uns quatro *“atraques”* policiais por estarmos parados há umas duas horas em praça pública, conversando. Safira então levantou a camiseta e mostrou o yin yang branco e vermelho tatuado no braço (símbolo do “Primeiro Comando da Capital”), que noticiava sua participação em uma facção. Safira: *“Lá eles atiram mesmo... já me puxam prum canto por causa da tatuagem de palhaço, sempre”*. Eu: *“Ah, é, tu tem uma tatuagem de palhaço”*, comentando na inocência de não premeditar a gravidade de meu envolvimento com ele, que respondeu-me: *“O palhaço é quem já praticou diversos crimes (...)”*. Naquele momento eu não senti medo nem temor. Não senti nada. Foi com o passar do tempo que minhas reflexões passaram a voltar-se para

essas questões, do risco que é estar em campo a depender do grupo com quem se pesquisa. Safira afirmou: *“Bah, eu parei de roubar, (art.) 157 não mais”*. Fiz referência a música “Eu sou 157” do grupo de rap brasileiro Racionais MC’s. Este artigo diz respeito à “subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência” de acordo com o código penal brasileiro.

Safira acompanhou-me até o ponto de ônibus, já que estava morando em outro local mas continuava dirigindo-se ao parque e frequentando o centro pop, fomos conversando sobre o dia, sobre as instituições, e de maneira ampla, sobre a vida. Trilhar um percurso juntos.

Em outra ocasião, eram umas sete e pouca da noite quando avistei Cristal, em frente do ponto de ônibus. Já fomos e viemos diversas vezes pois ela está morando no Capão do Leão (mesma cidade que eu), mas em outro bairro, junto a uma amiga. Ela estava com um senhor e uma senhora (ambos negros e mais velhos, que aparentavam uns 50 e poucos anos) que haviam colocado várias sacolas no chão da galeria que é onde se forma a fila de embarque. Cristal estava do lado de fora. Chego e ela sorri: *“Esses aqui são meu pai e minha mãe”* “ah é?”, respondi. Ela: *“sim, da rua... eu peço 1 real pro meu pai toda hora que vejo ele”*. O senhor sorriu. Ele demonstrava carinho por ela e por seu filho, um bebê de 8 - 9 meses, o qual pude “ver nascer” durante o campo. Somos apresentados. Cristal comenta: “Eles ficaram comigo lá na Ocupação¹⁴ junto com o pai dele (aponta para seu filho).

Após pouco tempo conosco despediram-se, e as últimas palavras deste senhor naquele momento foram *“é, tem que trabalhar!”* como que se anunciasse o que faria após aquele encontro. Cristal disse que eles ficavam na rua Santa Tecla, quando perguntei novamente sobre eles. *“Eu vivia com eles quando morava na rua, cansei de fugir do abrigo e da casa de (não lembro quem) pra ir pra rua”*. Estávamos eu, Cristal e seu filho até então no carrinho. Silêncio. Numa tentativa de conversar sobre a restituição, eu disse: *“pois é, sabe... eu tava pensando em escrever sobre a vida na rua, sobre o que tu me conta, o que outros conhecidos contaram, sobre - ela interrompe - “sabia que tem um senhor na fila do ônibus que*

¹⁴ Ocupação Canto de Conexão. Se trata de um prédio público ocioso que foi ocupado por estudantes da UFPel e pessoas de movimentos sociais da cidade em 2016, localizado no bairro Porto, próximo ao ICH - Instituto de Ciências Humanas da UFPel. O local, até onde sei, oferece moradia e habitação para pessoas em situação de rua, visto que uma de suas bandeiras é a luta por moradia.

sempre que me vê me dá 20 pila? sério, ele mora na esquina da minha casa". O assunto toma outros rumos como para coisas cotidianas - a fila do ônibus, a cidade Capão do Leão, até minha segunda tentativa de retomada.

Ela não responde diretamente. "*Bah, tinha uma amiga minha da Ocupação, a MC Keith, procura na internet Keith com K e TH, que queria fazer um clipe sobre moradores de rua e queria que eu participasse, só que tinha que pagar 300 reais... mas ela disse também que ia conseguir uma casa pra mim*". Desencorajo-me de prosseguir o assunto sobre um trabalho que efetivamente, para fora da universidade, possivelmente será de pouco valor.

Logo mais, ela me pediu pra segurar seu filho para que pudesse subir o carrinho de bebê no ônibus, que acabara de estacionar no ponto. Fiquei um tempo com ele no colo. Passados alguns meses pós este episódio, indago: isto é fazer etnografia? Sim. A etnografia e a Antropologia, neste caso, podem não ser potentes o suficiente para provocar uma mudança exponencial na trajetória de Cristal, marcada por inúmeras tramas, e que tampouco se interessa por atividades como "escrever um trabalho sobre pessoas em situação de rua", mas que anima-se ao ser convidada para uma atividade de ordem "prática", como a oficina de kokedamas, por exemplo. Mas sim, a etnografia e a Antropologia são potentes quando colocam o pesquisador à prova - veja a confiança de uma mãe pedindo para que uma pessoa segurasse seu filho no colo.

Para além de um trabalho acadêmico feito por escrito, a etnografia se mostra como uma postura diante um grupo de pessoas pelas quais você se interessa em conhecer - sem querer mudá-los, sem forçá-los a serem diferentes do que são, sem "convertê-los" aos seus próprios valores e crenças, mas refletindo sobre as suas lógicas próprias e encontrando um ponto de interlocução entre o "eu" e o "outro". Neste sentido percebo o quão importante e rica em trocas é a Antropologia.

Cristal é uma menina engraçada, elétrica, que passa a maior parte do tempo rindo, fazendo piadas e é muito amorosa com seu filho. Daniele atendeu-a no CAPS infantil, e sua trajetória é marcada por conflitos e impasses entre entradas e saídas em instituições. Ela também já evidenciou alguns conflitos com sua família de origem. Cabe aqui destacar outro aspecto importante da etnografia. É interessante ver como as coisas não são ditas todas de uma vez, como por exemplo, o fato dela contar-me que morou na rua por anos e dito algumas das estratégias: "*não pode pedir da mesma pessoa, tem que aprender a te virar*". Talvez isso dificilmente seria

dito em uma entrevista gravada, em uma pergunta direta, mas me foi revelado durante um percurso no ônibus.

Quando fui desembarcar do ônibus e atravessar a catraca, num gesto impensado, olhei para o fundo do ônibus e revi o local onde eu estava sentada junto a Cristal e seu filho. Pisquei para ela. Ela retribui a piscadela para mim e sorri. A partir destes relatos penso que a restituição da pesquisa etnográfica é, de fato, delicada, e assim como fazer etnografia; não há fórmulas prontas para restituir as pessoas com quem você observou e conviveu, a “entrega” daquilo que foi produzido em interlocução dependerá sempre de qual é a demanda do/a seu/sua interlocutor/a.

3.5 OS NÃO DITOS NA PESQUISA

Dentre as valiosas lições que guardarei comigo a partir do contato com essas pessoas, são os de extrema importância os não-ditos, que compõem uma categoria de análise para essa pesquisa. Lembro-me de Diamante, um menino jovem, negro e com um sorriso cativante, que em nada se diferenciava de outros meninos que eu conhecia e que me eram familiares. Meu contato com Diamante tinha uma dose de efemeridade, por ora ajudando com roupas e materiais de higiene em sua internação no UAA (Unidade de Acolhimento Adulto), por outra comentando sobre algo no CENTRO POP, respondendo perguntas sobre o projeto e perguntando coisas, comentando sobre o trabalho que ele iria realizar como vendedor de picolés e ouvi-o dizendo: *“agora eu vou tomar jeito”*. Certa vez ele, num misto de jocosidade e vergonha, repreendeu o educador social que me revelou seu nome (quando eu acabara de conhecê-lo): *“Bah, esse é meu fã, não gosto que diga meu nome!”*.

Após ter contato com Diamante por determinado tempo, ele desapareceu. Fluorita, o educador social, que tive maior contato, um homem de uns trinta e poucos anos, negro, que sempre estava disposto a conversar e de fala mansa, contou-me que Diamante estava no presídio regional de Pelotas e que ele havia ido visitá-lo, mas não havia conseguido adentrar - não me contou o motivo, eu também não ousei perguntar. Alguns meses depois, em um evento cultural na praça Dom Antonio Zattera, reencontrei Diamante. Eu estava acompanhada de Hematita e Talita, quando próximo ao banheiro, dois guris assoviavam para Hematita, mas não os identifiquei. Depois de um tempo, passei pelo banheiro novamente acompanhada de Talita e outro amigo (Yuri), quando um dos meninos me chamou. *“Não lembra mais*

de mim?”, ele disse algo do tipo, e quando o olhei nos olhos, reconheci. Era Diamante. Fiquei feliz ao revê-lo: *“E aí! Quanto tempo!!”*. O abracei e apresentei meus amigos. *“Pois é né meu”* disse ele sentado, em tom de lamentação, pós o alvoroço de reencontro e apresentações. Como quem captou do que se tratava da situação (o educador social já havia me comentado sobre ter ido ver Diamante), eu disse: *“Tava ruim lá, né?”* D - *“Tava, tava... tu soube? (olhando pro chão)”* E - *“Soube sim...”* D - *“Agora tô sossegado”* E - *“Tá mesmo?”* D - *“Sim, tô só fumando maconha”*. Nisso Hematita começa a cantar um *louvor* (cântico evangélico). Me despedi de Diamante, com uma sensação de alívio ao reencontrá-lo vivo e com um aperto por talvez ser a última vez que o visse.

Em outra situação em campo, estava eu junto a Safira, e ao conversarmos sobre pessoas que eu tinha contato e que não via há tempos, não hesitou em me indagar: *“Ela tem bichinho, tu sabe né?”* se referindo ao vírus HIV, que uma interlocutora era portadora.

Estes fatos me levaram a pensar que existem coisas que não se devem ser verbalizadas ou nomeadas de maneira direta - principalmente aquelas que se relacionam diretamente ao sofrimento (como o cárcere) ou que são consideradas *tabu* (como portar HIV). A pesquisadora Maria do Carmo de Freitas (2003, p.197) em etnografia sobre representações sociais da fome, em Salvador/BH, trabalhou com categorias similares às aqui explicitadas. Maria do Carmo afirma que: “Embora a fala não seja capaz de dizer todo o sentido, significa que o sujeito fala com outros signos e assinalam suas e trabalho próprias identidades no contexto em que vivem.” Dessa maneira, procurei considerar não apenas o que foi dito e explicitado, mas também o que estava em ordem não-verbal e posto de forma implícita. E que nem por isso possuíam menos densidade ao que era falado explicitamente.

Considerações Finais

Este trabalho de conclusão de curso buscou ressaltar um olhar aproximado de algumas das dinâmicas, práticas e cuidados que pessoas em situação de rua na cidade de Pelotas. Meu esforço se deu no intuito de salientar essas situações, compreendendo este segmento social no contexto em que se encontra. Procurei mostrar ao leitor que na ausência de um julgamento moral junto a escuta atenta foi possível descobrir coisas, compartilhar momentos, sorrir e dançar juntos. A partir da fala e da “não fala” destas pessoas, aprendi em quais momentos eu deveria silenciar, me manifestar, acolher os sentimentos deles/as e buscar compreender seus motivos, suas angústias, suas vontades, suas alegrias e dores. Certa vez em campo um interlocutor disse uma frase que marcaria minha vida desde então: “O melhor da vida é o encontro!”. Não fossem os encontros de seres humanos postos frente a frente uns aos outros, sentindo e pensando juntos, nas oficinas aqui destacadas, nas ruas da cidade, nas praças, nas instituições, esta escrita não teria a potência e a emoção compartilhadas àqueles envolvidos em seu processo. A escrita faz sentido porque eu estive lá. E pude estar aqui, para compartilhar.

A Antropologia tem uma potência capaz de abalar todas estruturas de quem a pratica. Em especial, a etnografia é um modo encantador e doloroso de estar no mundo, de perceber a si e ao outro. Com a Antropologia, percebo que toda manifestação humana é sempre mais profunda do que a ação em si mesma.

Espero que esta pesquisa possa contribuir de alguma maneira com os/as pesquisadores/as sobre o tema, com os que se interessam por este segmento social, e com as pessoas que buscam escritas sobre as relações humanas como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFONSO, L. P.; Rieth, F . Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto Bem Cultural. In: Camen Burget Schiavon, Sandra de Cássia Pelegrini. (Org.). In:_____. **Patrimônios Plurais: iniciativas e desafios**. 1ed.Rio Grande: Ed. da FURG, 2016, v. , p. 131-147.

AUGÉ, Marc. Dos lugares aos não-lugares. In:_____. **Não-lugares : introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2005 (PP. 71-110).

CAIAFA, Janice. Notas sobre o movimento. In:_____. **Movimento Punk na Cidade. A invasão dos bandos sub**. RJ: Zahar, 1985.

CARERI, Francesco. Walkscapes. **O caminhar como prática estética**. São Paulo: ed. Gili, 2013. p. 17-109.

DE BARROS, Manoel. Aprendo com abelhas do que com aeroplanos - Retrato do artista quando coisa. In:_____. **Meu quintal é maior que o mundo/** Manoel de Barros; 1 ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

FRANGELLA, Simone Miziara. **Corpos errantes urbanos: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2009.

FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. In:___GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). **desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

FREITAS, Maria do Carmo Soares de. **Agonia da fome**. Editora Fiocruz, 2003.

GUATTARI, Felix e DELEUZE, Gilles. Introdução: Rizoma. In:____. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 1. SP: editora 34, 1995 [1980]. Pp. 10-36.

GUATTARI, Felix e DELEUZE, Gilles. Tratado de nomadologia. A Máquina de Guerra. In:_____. **Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995-1997.

GURAN, Milton. **Fotografar para descobrir, fotografar para contar**. Dossier 1 Imagem. Anais do GT 26: Antropologia Visual e da Imagem. II Reunião de Antropologia do Mercosul. 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=445794&view=detalhes>
Acesso em: 9 Dez 2018.

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Rev. Educação**, Porto Alegre, v.39, n.3, p.404-411, set-dez.2016. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/21690>. Acesso em: 9 Dez 2018.

INGOLD, Tim; ALMEIDA, Rafael Antunes. Antropologia versus etnografia. **Cadernos de Campo** (São Paulo, 1991), v. 26, n. 1, p. 223-229, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/140192>. Acesso em: 9 Dez 2018.

KEROUAC, Jack. **Os vagabundos iluminados**. Porto Alegre: L&PM, 2004. 256p.

LE BRETON, David. **Antropologia do Corpo**/ David Le Breton ; tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. 4. ed. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2016.

MAGNANI, J.G.C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, ANPOCS/Edusc, vol. 17, nº 49, 2002. Pp. 11-29. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092002000200002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 9 Dez 2018.

MAGNI, Claudia. **Nomadismo Urbano: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre**. Sta Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia. São Paulo: abril cultural, 2a Ed., 1978 (Introdução).

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In:_____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Editora Cosac Naify, [1923-24] 2003, p. 185-210.

OLIVEIRA, Roberto C. de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In:_____. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2006. p.17-35. parisiense. Antropolítica, Niterói, n.25, p.99-111, 2008.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe** [Online], 2 | 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1890>. Acesso em: 9 Dez 2018.

PERROT, Michelle. Maneiras de morar. In:_____. PERROT, Michel (org.) **História da Vida Privada**. Da Revolução francesa à Primeira Guerra. Sao Paulo : Companhia das Letras, 1989-2006. PP. 307-323.

PÉTONNET, Colette. A observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. - Niterói: **Antropolítica**, n.25, p.99-111, 2008.

RUI, Taniele. **Nas tramas do crack: etnografia da abjeção**. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

SILVA, Tiago Lemões da. **Família, Rua e Afeto: etnografia dos vínculos familiares, sociais e afetivos de homens e mulheres em situação de rua**. 2012.

URIARTE. Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Rev. Ponto Urbe** [Online], 11 | 2012. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/300>>. Acesso em: 9 de Out 2018.

VICTORA, Ceres Gomes. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema** / Ceres Gomes Víctora, Daniela Riva Knauth e Maria de Nazareth Agra Hassen. - Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000. - 136 p.